The background of the entire page is an abstract watercolor painting. It features broad, sweeping brushstrokes in a palette of warm, earthy colors: terracotta, ochre, and light beige. Interspersed among these are cooler tones of sage green and muted grey. The overall effect is one of organic, textured movement, with the colors blending and overlapping in a non-representational manner.

revista

PROSAS

A Casa OPOCA traz, com a Revista Prosas, um pouco das gentes, das belezas e das adversidades do que é viver no íntimo de São Miguel Arcanjo, a Cidade do Anjo.

Uma cidade, muitas identidades

Por Júlia Marques Galvão

Coordenadora do Projeto Revista Prosas

Em junho de 2021 começou a nossa jornada com o Projeto Revista Prosas, um projeto novo, mas que traz os mesmos fundamentos e significados sobre direitos à cidade: identificar, entender, reconhecer e valorizar a cultura local.

Nos primeiros encontros fomos aos quatro cantos do município (e centro), conhecer e reconhecer esse território que habitamos coletivamente e que nos faz ter algo em comum: sermos são-miguelenses.

E o que afinal diferencia ser ou estar habitantes dessa cidade?

Notamos que somos diferentes e diversos, com diferenças que nos atraem e que também nos distanciam. Coabitamos um espaço complexo, com suas peculiaridades a cada quilômetro, injusto em alguns pontos, bonito, nostálgico em outros momentos, muitas vezes despertando sentimentos afetivos; às vezes a raiva e a indignação acabam imperando.

Aí só uma expressão são-miguelense sabe manifestar tão claramente a situação: mas que barr-baridade! Quando falo isso, quero dizer que seria lindo se todos tivéssemos acesso às riquezas que São Miguel oferece.

Tivemos o privilégio de conhecer lugares em que nossos anfitriões apresentavam o seu bairro. Um conhecimento que vem de dentro para fora, como deve ser para fugir de estereótipos toscos e maldosos sobre os lugares e as pessoas que aqui vivem. Aqui mostramos as belezas e conquistas em se viver nas diversidades e com as adversidades que acontecem na vida.

Conversamos muito para nos conhecer e se reconhecer na outra, no outro, entender o que nos oprime, o que nos invisibiliza e o que nos faz ser plural e nos põe em evidência como protagonistas de uma situação-ação. Acredito ser esse um dos caminhos para a construção das identidades culturais, algo que não está pronto, mas, sim, em

desenvolvimento, se recriando ao longo de nossa existência. Nesse processo foi difícil não se emocionar e não fazer nada a respeito sobre o que ouvimos e sentimos em roda. Juntamos forças e conquistamos algumas coisas.

A escuta é fundamental nesse processo, conseguimos e tivemos tempo para isso, para sentar e ouvir, algo que às vezes as instituições e pessoas não têm.

Discutimos sobre os tipos de lazer e a ausência dele, e as promessas de que algo bom vai acontecer. Vimos a solidariedade no modo de vida das pessoas, vimos as diferenças, a vida sofrida e injusta, a violência em diferentes formas e graus de perversidade, mas também vimos a simplicidade, a resistência, a solidariedade.

Conhecemos pessoas que fazem trabalhos incríveis, desde parteiras, capoeiristas, músicos, artistas, mamonas, fotógrafas, ambientalistas, pesquisadoras, agricultoras, construtores de casas de barro e as pessoas comuns que também cuidam da terra, dos saberes populares e caipiras que resistem. Trazemos em lugar de destaque a representação da diversidade cultural em contraponto às monoculturas enfadonhas que insistem em nos dizer que são a única forma de se viver.

Falar de cultura é falar sobre a complexidade das relações sociais, culturais, econômicas: tudo isso impacta diretamente a nossa forma de expressar e de ser.

Portanto, a cultura não trata apenas das coisas boas, e muito menos se caracteriza como um mosaico harmônico.

A Revista Prosas apresenta a

vocês um pedacinho do que é São Miguel Arcanjo para algumas pessoas que habitam esse mesmo território.

Feita por várias mãos e mentes, carrega pontos de vista com os quais talvez vocês não concordem, o que é comum quando se fala de culturas.

Trazemos nesta revista uma amostra do que é ser são-miguelense, e a cultura local como pano de fundo é a nossa casa.

Sejam bem vindes e curtam cada página!



Sumário

Editorial	3
Anda por tua cidade	6
Roda de Meninas	8
Mulheres em Prosa	12
O Máscara	16
Dona Maria, a guardiã	20
O crime é assim	28
Bullying: a pior fase da minha vida	29
Conversando com os Mamonas	33
Um trans em São Miguel	36
Casa de barro, uma opção barata e eficaz	40
Terra: materialidade do manuseio, do criar e do habitar	42
A Criatura da Casa, um conto da Casa Amarela	45
Charge	47
Um alemão em São Miguel Arcanjo	48
Memória, ancestralidade e pertencimento	50
Memes, o que são e para que servem	52



Anda por tua cidade!

Por Observatório Popular Cidade do Anjo

Vive, pois, o cotidiano

Anda por tua cidade. Caminha por seus escombros, por suas belezas, gentilezas, por suas perversidades.... Palmilha essa instância querida..., e sob a garoa ou sol ou sombra encontra, escuta, conversa, vê, diz! Permeia histórias diversas, sente. Percorre vidas alegres, transita por almas machucadas, despedaçadas. Toma os bondes, entra nos bares. Caminha e bebe – partilha!, compartilha. Caminha! Trilha por tuas vontades e pelas necessidades do teu povo. Aprende, educa, se educa. Abraça teus concidadãos e constrói daí, com os olhos de tua gente, o novo.

Anda por tua cidade. Caminha por suas entranhas, por onde a vida acontece e tudo vive, “deseja, estremece, palpita, murmura e sonha”*. Vive, pois, o cotidiano. Esse “braseiro de mundos”, de vidas, de encontros que “o tempo não esgota” e “todas se cruzam, beijam, penetram”, se correspondem. Se embrenha por essa “teia vertiginosa de fios sem fim, de fios móveis, ondeantes, cambiantes, urdindo-se ela mesma, na eternidade impenetrável, sem ninguém ver o tecelão” ... Tenta ver. Tenta

entender... Vagueia por esses espaços onde “rigidez, solidez, inércia, não existem”, porque “na fraga mais dura, no bronze mais compacto circulam desejos, dramas, turbilhões de moléculas e vontades”. E sob os rostos mais alegres ou tristes, falantes ou silenciosos se alicerçam saberes, sabedorias, virtudes, medos, anseios, experiências. Penetra. Convive. Dialoga. É tudo “vago, indistinto, confuso, num rumor longo e subterrâneo. Não se destacam, não se desenham as formas”. Procura. Conhece.... Queiras estar onde estás...

Anda por tua cidade. Olha os rostos, vê as paredes, os grafites... criam, gritam. Ouve as falas, sê as gentes. Esquece tua idade e descrença. Entra no orfanato, convive. Sai dele. Caminha pelas vielas, cortiços, favelas; pelas prisões, escolas e condomínios de grades de ferro, de grades de aço; de cercas elétricas e de câmeras de vigilância. De muros altos de pedras, ignorâncias; de tijolos e preconceitos perscrutando, investigando nos segredos de seus recantos, teus próprios recônditos. Examina no desconhecido, irrefletido ou ignorado da cidade, o seu âmago oculto,

peçoal, encoberto. Há sempre relações entre os espaços e as gentes. Entre nós e as perversidades. Entre as bonitezas e nós. E entre nós e os outros. Reconhece.

E “há em cada alma infinidades de almas. E umas tão horríveis e loucas que as escondemos para que as não vejam; e outras tão inconscientes e profundas que, habitando conosco, as não chegamos sequer a conhecer”. Conhece, então, discerne. Há outras corajosas que havemos de as deixar transparecer e agir; e ainda outras rebeldes que se as deixarmos aprender, falar e interagir, vão ganhando força e saberes enquanto caminham; e outras ainda cautelosas e pacientes que havemos de as deixar nos conter, manter, resistir, persistir, esperar.

Adentra, reflete, conhece. É com extrema dificuldade que o olhar interior projeta sobre si mesmo uma luz (Bloch, [1959] 2005: 132). Projeta, pois, essa luz e confessa. Mas se empenha por confessar uma “confissão verdadeira, plena, absoluta”, tal qual a filósofa que “a música misteriosa do universo” ela sente; ou como o poeta que no coração “repercute a dor eterna da natureza”, e que “ao cabo de oscilações, dúvidas e desânimos, coordena a idealidade do ser com as aparências do ser, o espírito com as formas”. Percebe nas essências as formas que elas adquirem; e nos contornos que se desenham, encontra o seu eu oprimido e o seu eu opressor.

É pelo fato de se voltar sobre si mesmo que o olhar franco e aberto é comprovado (Bloch, [1959] 2005: 164). Procura, então, as cores e as sombras que as formas vão herdando e com a força que a nitidez oprime, se esforça por libertar um superando o outro (o oprimido e o opressor). São muitos e complexos. As máscaras são brancas mesmo em peles negras; e os jeitos e os trejeitos são do patriarca, dono de tudo, do capital e de toda a gente, mesmo em corpos pobres e de mulheres jovens. E uns se sustentam nos outros e por vezes vivem todos entrelaçados entre eles. Apreende. Confessa mesmo que se em silêncio for e começa por superar em si o que no sistema, nas estruturas, nas instituições, no cotidiano,

nega, castiga e, em última instância, mata. Liberta em si o que permite à vida viver. Permite deixar formar o que afirma a vida humana. Deixa essa essência ganhar forma e deixa a forma ser regenerada por essa essência que, enquanto caminha e absorve, também vai se regenerando.

Anda, pois, por tua cidade enquanto aprende, ensina, desaprende, se educa. Caminha enquanto faz e se refaz. Permanece viva! Permanece vivo! O cotidiano, assim como nós, é um emaranhado contraditório de nós. Um e outro são espaços privilegiados da utopia.

Anda por tua cidade é uma metodologia que fundamenta o caminhar do Observatório Popular Cidade do Anjo.

Referências:

Bloch, Ernst (2005 [1959]). O Princípio Esperança. Volume 1. Trad. Nélcio Schneider. Rio de Janeiro : EdUERJ : Contraponto.

*As frases “entre aspas” são de: Junqueiro, Guerra (2017). Prefácio. In: Brandão (2017), Os Pobres. Guimarães : Opera Omnia, pp. 9-22.



Foto de Luiz Felipe Saikali

Roda de Meninas

na Escola Estadual Massanori Karazawa desde 2018

Por Letícia Fogaça e Fernanda Batista dos Santos

A Roda de Meninas é um projeto que está na escola desde 2018, com o intuito de ajudar as meninas que sofrem bullying, discriminação ou qualquer tipo de preconceito dentro ou fora da escola.

Nosso objetivo é ajudar todas e proporcionar uma roda de conversa.

Temos um grupo no Whatsapp, onde explicamos e tiramos todas as dúvidas sobre nosso projeto; caso você se interesse e se sentir confortável em entrar ou continuar nele, será muito bem-vinda!

Como eu faço para entrar no grupo do Whatsapp? super fácil, apenas entre em contato com um dos números a seguir e diga seu nome completo e série.

Ana Maria (15) 997970554
Fernanda (15) 998313697
Letícia (15) 996706092

Lembre-se, você é mais forte que tudo!

Estamos com você!



O Projeto

O projeto Roda de Meninas foi fundado em 2018 na escola estadual Massanori Karazawa, com o intuito de ajudar algumas meninas que estavam se automutilando. Com o tempo o projeto se expandiu e começou acolher meninas que sofriam bullying, racismo, preconceito e machismo dentro ou fora da escola.

Assim, no princípio, lá em 2018, foi por conta de automutilação, depressão e racismo. E, ao longo do projeto, acolhemos meninas que sofreram machismo, preconceito, bullying e ansiedade.



Os primeiros encontros foram no pátio da escola, com a ajuda da professora Carla Levenhagen, que orientou o projeto até o começo de 2019. Após a saída da Carla, houve uma mudança de orientador, o professor Rafael Francis passou a fazer este papel no projeto.

A princípio foi algo que balançou toda estrutura que tínhamos, por conta de ser um orientador homem. Ao longo dos encontros fomos pegando afinidade com o professor. Hoje isso não interfere em nada.



Pátio da Escola Estadual Massanori Karazawa, onde eram realizados os encontros.

Administração da Roda de Meninas



Fernanda Batista dos Santos 15 anos, mora no bairro da Capela de São Roque, estudante da escola estadual Massanori Karazawa.

Letícia Fogaça, 14 anos, mora no bairro da Boa Vista, estudante da escola estadual Massanori Karazawa.

Ana Maria Oliveira, 14 anos, mora no bairro da Capela de São Roque, estudante da escola estadual Massanori Karazawa.

Depoimentos

Ana Maria

Bom, entrar na roda de meninas foi muito bom, entrei no final de 2019 e estou até hoje, elas me ajudaram bastante, e hoje eu só olho para trás e penso sobre o que eu fazia antes, como seria agora? Graças a elas eu sou uma pessoa completamente diferente, uma pessoa melhor. Sou muito grata a elas e a todos que me ajudaram e é muito bom estar ajudando outras meninas como lá trás já me ajudaram.

Ana ajuda, hoje, com a administração do projeto.

Prof. Carla Levenhagen

Fiquei muito lisonjeada com o convite das minhas alunas Letícia, Fernanda e Ana para falar sobre o projeto Roda de Meninas.

O projeto iniciou quando comecei a lecionar na escola Massanori Karazawa em 2018. Então vou dividir com vocês essas nossas experiências que vivenciamos juntas.

Para uma professora, é doloroso ver seus alunos em crises, deprimidos, inseguros, perdendo a luz e a alegria dos seus olhos adolescentes. E como sou mãe de adolescente também, a proximidade da idade nos faz “adotá-los” como nossos também.

Conheci as meninas no 6º. ano, mas foi mesmo no ano seguinte que vários conflitos começaram a ocorrer em sala de aula, a turma brigava muito e cada qual com suas particularidades. Quando vi minha aluna sangrando, pois havia feito cortes em seu braço, meu coração apertou de tal forma que eu acabei deixando a sala de aula alguns minutos para atender a ela e encaminhar à direção para o auxílio. Lembro-me do dia que conversei com a mãe dela e quanto nos emocionamos juntas, essa parceria escola, família é muito importante. Bem não preciso dizer que esse tipo de coisa voltou a acontecer com outras meninas também, a baixa autoestima, a sensação de abandono, o bullying, foram fatores que desencadearam muitas coisas nas nossas meninas.

O projeto fez o acolhimento delas, no começo eu participei de algumas rodas de conversa, mas infelizmente minha carga horária não possibilitou que eu fosse adiante nos nossos encontros, que sempre se chocavam com meus horários de aula. Mas acompanhei e ainda acompanho pelos bastidores a importância desse projeto e a evolução das meninas, hoje no 9º. ano e que atualmente atinge mais meninas de outras séries.

E para finalizar é ressaltar a gratidão por estar ali por elas e com elas, e como as “minhas meninas” estão maravilhosas, estudiosas, focadas, empoderadas, brilhando. Muito grata por ser professora, por acompanhá-las nesses 4 anos, por tê-las na minha trajetória, sabendo que sempre o melhor caminho é o diálogo, uma linda roda de conversa, a Roda das Meninas. Grata!

Psicólogas Ariana e Gabriela

Desenvolver o trabalho com a Ana, Fernanda e Leticia foi um prazer imenso uma vez que estamos concluindo nossa graduação e tivemos

a oportunidade de trabalhar com adolescentes no estágio de escolar/educacional. Essa oportunidade nos foi dada através das rodas de conversas “Entre nós – adolescentes” que faz parte do estágio de escolar/educacional da Universidade de Sorocaba – Uniso, sob a supervisão da Prof. Dra. Cristina Maria D’Antona Bachert juntamente com a escola Massanori Karazawa, através do Prof. Rafael Francis que gentilmente nos ofertou o local para que pudemos realizar o estágio.

Nesse estágio trabalhamos demandas sobre a volta a rotina presencial logo após um longo período de distanciamento social em decorrência da pandemia Covid-19, e logo após inserimos um projeto de vida que tem por objetivo trabalhar questões de cunho profissional/acadêmico e a compreensão de que caso os objetivos escolhidos a longo prazo não se cumpram com exatidão é possível remodelá-los ou criar outros planos, entendendo que assim como a vida, os objetivos são processos e não acontecem de forma linear.

Agradecemos imensamente a oportunidade de ter trabalhado essas demandas com as meninas que gentilmente nos acolheram e receberam tão bem a nossa ideia e sempre estiveram dispostas a nos ouvir e questionar. É possível perceber o olhar sensível que elas têm para causas de extrema importância que as rodeiam e temos certeza que muitos ainda se beneficiarão dos projetos que estão por vir.

Para saber mais:

Contatos:

E-mail:

rodademeninas18@gmail.com

Instagram:

@rodademeninas_ - projeto

@fr_leticiaa - Leticia Fogaça

@na_camargo_14 - Ana

@s.ferbatista - Fernanda



Mulheres em Prosa

Por Maísa, Cidinha, Júlia, Maria José, Liana, Amanda, Alcinda, Dani e Sílvia



Cotidiano, o pão de cada dia

A experiência de partilha de cotidianos, a partir da literatura, nos levou a um lugar privilegiado de contemplação da nossa própria vida.

Nessa contemplação, extraímos as belezas que, às vezes, nos passavam despercebidas: histórias contadas das gerações anteriores, durante as refeições; o café preparado para os filhos; o café preparado pelo marido; os netos tomando sorvete e brincando; o bolo preparado com amor para o encontro da casa OPOCA, os primeiros passos do filho, a memória do pai... Ficou também registrado a

dor da ausência do filho; a rotina do dia a dia, de trabalhar e cuidar da casa, que às vezes parece nos sufocar; mas, sobretudo, a força que temos para lutar quando tudo parece tão difícil.

Aprendemos a extrair pequenas belezas do nosso cotidiano, com o exercício de lermos juntas textos literários. Entramos dentro do diário de Carolina Maria de Jesus e nos encontramos lá; reconhecemo-nos na lida de Carolina, na sua revolta, nos seus sonhos; e com ela aprendemos o ato libertador de escrever-se cotidianamente.

Cruzamos as histórias dos contos e das crônicas de João Carrascoza e de Clarice Lispector com as nossas histórias, porque também nos encontramos lá. Com João Carrascoza, contemplamos as relações mãe e filho, irmão e irmã, netos e avó; com Clarice Lispector, contemplamo-nos enquanto mulheres, mães, trabalhadoras, amantes, que têm desejos e que amam cada uma à sua maneira. Abrimo-nos trazendo nossas histórias mais íntimas, que se assemelhavam com as histórias dos contos e das crônicas partilhadas. Nessas trocas, rimos e choramos

juntas. Foi um jeito bonito de nos vermos. E aqui está a nossa escrita, parecida conosco. Escrevermos e compartilharmos nosso diário foi uma experiência de entrega e desnudamento daquilo que temos. Estamos aqui de forma honesta, oferecendo retalhos dos nossos cotidianos. A nossa escrita nos revela, revela nossas exclusões; revela as desigualdades sociais sob as quais somos acometidas nessa sociedade moderna ocidental. Nossa escrita revela nossas dores, nossas alegrias e, acima de tudo, nossa esperança e nossos sonhos.

Diários

Diário de Amanda

27/06/2021 - Terça-feira

hoje eu acordei as 6:00 da manha fiz café, arrumei minha filha pra ir pra escola esperei da 7:30 da manhã eu fui catar reciclagem, descii com meu irmao gustavo, minha irma Ananda e meu cunhado bruno, e minha mãe fomos com graca a deus trabalhamos, cansamos, cheguei 11:30 almocei e, esperei da 2:30 pra ir na reunião do projeto Opoca com minha mãe, meu filho Vitor, Emanuely, foi bom demais, conversamos muito com maisa. com galera das mulheres tava com muito dor na cabeça mesmo assim fui e esse foi meu dia de hoje

28/07/21 - Quarta-feira

hoje acordei como sempre 6:00 da manha fiz o café para Emanuely ir pra escola. levei ela e voltei e me arrumei pra trabalhar chamei meu irmao gustavo e ananda e bruno e fomos catar reciclagem catamos e voltamos 10:30 em casa e arrumei minha casa e dei banho na minha filha lauane isabelly. dei almoço pra ela e subi na escola 1:00 tarde e voltei em casa e peguei

meu carrinho e como sempre fui catar reciclagem e tarde fui pra igreja. fim

29/07/21 - Quinta-feira

hoje acordei 6:00 manha como todos os dia dei cafe pra Emanuely e arrumei ela e levei para escola nesse frio que ta deixei ela na escola voltei em casa e tomei o cafe e peguei meu carrinho e descii catar reciclagem passei nos lugares me deram e passei na prefeitura fomos toma chá bem quente com minha mãe, minha irmã, meu cunhado. foi muito bom chegamos em casa conversamos, brincamos com as criança conversamos sobre nossas vidas, passado, minha mae contou como era vida dela quando era crianca demos risadas por mais cansado que nos tavamos e assim nossa dia - dia so alegria, as vezes umas brigas de leves, tenho orgulho da minha familia samos unida eu e minha mae amo ajudar as pessoas com muito amor e carinho eu sou sempre assim

30/07/21 - Sexta-feira

hoje levantei 7:20 da manha tomei um cafe e fui no posto de saúde fiquei na fila enorme que tava fui tomar a vacina do covid 19. tomei e

voltei 10:30 da manha cheguei em casa e começou da uma dor no braco e um pouco de dor de cabeça fiquei conversando com minha mãe e limpei minha casa e isso meu dia de hoje foi essa mais gracia a deus deu tudo certo.



Diário de Maria José

13/07/2021

Eu acordei as 4 horas da manhã levantei fiz café a comida arrumei as marmitas e as 6 horas da manhã meu marido e os meus dois filhos ja foram para o trabalho eu estou com vontade de dormi mais um pouco mais acho melhor que não vou fazer um croche mais tarde as oito horas a minha filha Ana Claudia tambem vai trabalhar vai ficar em casa eu e minha filha caçula a Priscila que dorme muito

20/07/2021

Um dia como tantos outros a mesma rotina levantei cedo fiz café a comida arrumei as marmitas e assim começa o meu dia que é mais um dia mais eu estou contente porque a muitos que não tem o que fazer e nem para onde ir

25/07/2021

Domingo depois do almoço as minhas filhas querem de todos nois vamos na praça em uma sorveteria para tomar sorvete e famos nois eu e minhas treis filhas meus dois filhos minha

nora e meus treis netos o Mateus o Gustavo e o Nicolas tomaram sorvete brincaram muito e tiram muitas fotos e falaram que o dia estava muito divertido

03/08/2021

Terça feira eu acordei as 4 horas da manhã fiz café a comida arrumei as marmitas coloquei nas mochilas e agora eu acho melhor eu i lavando as louças porque hoje eu tenho muitas roupas para lavar e quero fazer isso bem cedo porque a tarde eu quero ir na roda de encontro na casa opoca espero encontrar todas as meninas a Julia a Cidinha a Liana a Dani a Alcinda a Amanda e também a Maisa eu prometi para as menina que eu vou levar pra elas tomar café 1 bolo de chuchu e talvez eu não leve 1 bolo de chuchu mais vou levar 1 bolo espero que elas gostem

08/08/2021

Domingo eu estava na casa da minha filha acordei cedo mais levantei as 7 horas da manhã a minha filha levantou também preparo o café nois tomamos o café e saímos nas ruas para procurar uma feira livre mais ela mudou a pouco tempo no bairro e não conhecia bem as vilas então encontramos um senhor e a minha filha perguntou se ele sabia nos informa a onde tinha 1 feira ele respondeu olha hoje tem feira na vila nova é longe mais tem 1 mercado aqui perto e esta bem em conta as verdura as frutas e os legumes desistimos de ir a feira e fomos ao mercado porque já estavamos cansada de andar

15/08/2021

Eu as minhas 3 filhas e o meu neto fomos da 1 volta de carro na estrada do taquaral e resolveram chegar em 1 lachonete que é também restaurante o meu neto queria comer bolinho de frango o meu neto queria saber porque tinha tantas pessoas a minha filha espicava para ele que ali era 1 restaurante e as pessoas estava almoçando mais eu não quero almoçar eu quero bolinho de frango e logo chegou na mesa o bolinho que ele queria pegou o bolinho colocou ketchup comeu 1 pedacinho e disse não quero mais coma você

mãe e coma logo que nois precisa ir embora a tua Claudia esta com muita pressa

Diário de Cidinha

11/08/2021

Acordei às 5 da manhã antes do relógio despertar, que desperta às 5:20. Lembrei da Maria José e da Liana que levantam às 4:00 pra fazer o almoço pra família, as marmitas pro trabalho.

Coloquei a água pra ferver e já fui ajeitando a pia tentando deixar tudo mais organizado porque tenho que ir trabalhar. O dia vai ser longo. Hoje fico de tarde com o Bem. A Julia e o Tiago vão para o OPOCA. Eu entro às 7:45 no CAPS mas é difícil chegar na hora. Tem que tratar das galinhas, do cachorro, da papagaia... Agora de manhã está meio friozinho. Coloquei meu roupão vermelho e fui pro quintal. Tomei meu café mas acabou o leite. Gosto de café com leite. Sorte que tem leite ninho da Clara. A Clara é minha neta, companheirinha da vovó. Está morando aqui em casa enquanto estão reformando a casa deles. Moramos todos aqui na chácara. Daniel, Luciana, Clara, Tiago, Julia e Bem. Agora tem uma visita que é o Kevin, veio da Alemanha e vai ficar aqui 3 meses. Esqueci do Paulo!! O dia está apenas começando.

Diário de Liana

02/08/2021

Bom dia, hoje foi meu diário, dia 2 de agosto. Começou um mês abençoado. Meu dia foi assim; acordei às 05h20 da manhã, meu filho Samuel acordou, meu esposo acordou às 04h da manhã e foi trabalhar, já deixou o café pronto pra mim. E eu tentando fazer meu filho dormir de 05h20 até 07h30 mostrando vídeos para ele dormir. Aí eu acordei 07h30, fui lavar o rosto, pentear o cabelo e meus filhos continuaram dormindo. Fui limpar a casa e depois nós tomamos café da manhã com bolo e

café. Depois na hora do almoço fui fazer almoço e meu genro chegou pra almoçarmos juntos, logo depois meu filho Everton que mora no sítio chegou também para almoçar com nós foi um almoço simples mais em família, muito bom. Aí depois fui lavar louça e minha filha começou a conversar com meu genro. Aí depois fui lavar mais um pouco de roupa, lavando roupa e cuidando do meu filho Samuel que ele não para. Tem que fazer as coisas com um olho nas coisas e um olho no Samuel, porque ele não para, ele corre, ele mexe nas coisas, se deixar ele vai pra rua, então tem que ficar direto olhando ele. Depois que acabei a roupa meu genro foi embora às 16h30, aí logo a Julia veio pra entregar uma cópia do livro, fiquei muito feliz, que mesmo que não vai dar para mim ir amanhã na roda de leitura fiquei feliz de ter pegado pra ler. Eu não vou amanhã porque estou gripada, peguei uma gripe desde ontem e meu filho Samuel pegou uma gripe e desde ontem eu não estou saindo de casa, preferi ficar essa semana só na casa pra evitar né, que a gente tá com gripe né, tá com o corpo com a imunidade baixa. Aí hoje liguei na Apae também avisando que o Samuel não vai fazer terapia que era hoje também. Toda segunda-feira ele faz dois tipos de terapia por que ele nasceu com síndrome de down, desde de três meses ele faz terapia aí por ele ta gripado e eu também, liguei lá avisando que ele não vai. Aí depois fui fazer janta, meu esposo chegou e eu pedi pro meu filho ir no mercado pra mim que eu não tô saindo por causa da gripe, ele foi comprar umas coisinhas pra mim que estavam faltando. Aí foi meu dia.





O Máscara

Por Beatriz Beisiegel, com ilustrações de Ezequiel Mariano

Dizem que a felicidade não tem história. Isso é mais verdade ainda se a felicidade em questão fosse a de uma onça pintada - o Máscara - e quem contasse a história fôssemos nós, humanos.

Aqueles de nós que ainda temos o privilégio de sentir empatia podemos até tentar imaginar o desafio de ser um filhote de onça de seis meses de idade, fascinado por tudo, seguindo nossa mãe onça por um lugar desconhecido no Vale do Ribeira, nossa cauda pontuda balançando com nossos passos ainda um pouco bambos, e aprendendo com ela o que caçar, como caçar, como nos orientarmos pelo seu imenso território e, principalmente, o que evitar.

E o que evitar sempre teve o nome do bicho que acinzentou a terra e suas criações.

Evitar o asfalto, evitar as casas, evitar o metal cinza das armas, evitar os lugares de onde vem o barulho de tudo isso, manter o máximo de distância possível.

O Máscara, pequeno, aprendeu muito bem. Até aí podemos imaginar. Mas, e os próximos oito anos?

Mesmo aqueles de nós que temos o privilégio de conhecer um pouco da floresta sabemos tão pouco do mistério e da beleza das suas grotas, encostas e rios. Mesmo toda a empatia do mundo é rala quando tentamos imaginar a satisfação de uma noite estrelada, dormindo de barriga cheia no topo de uma encosta, ouvindo a vida da floresta em volta e vigiando o local onde está a presa que caçamos que ainda dá para umas duas refeições.

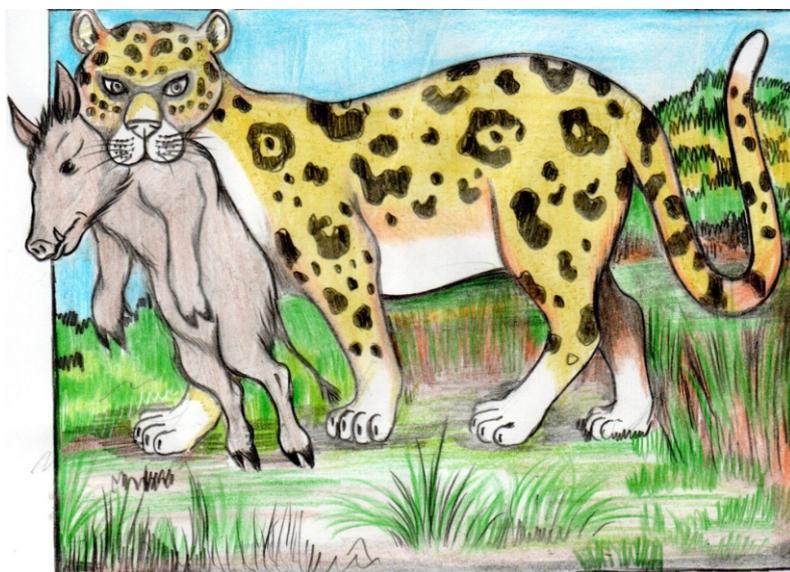
Então, sobre os primeiros oito anos de vida do Máscara só podemos supor que foram como os de outras onças pintadas do Vale do Ribeira: andando distâncias descomunais pelas florestas mais lindas desse planeta, e cumprindo todas as funções de predador de topo, sujeito chave na manutenção da beleza e da vida destas florestas.

Sabemos que ele fez isso bem, pois, mesmo após assassinado, tirando os cinquenta baletes de chumbo de pelo menos dois tiros diferentes,

a pata quebrada por outro tiro e o estômago vazio por ter passado muito tempo sem conseguir se alimentar, o Máscara ainda era um animal saudável.

Quando a felicidade foi virando tragédia? Isso também tem que ser suposto, imaginado. Pode ter começado quando muitos dos alimentos do Máscara foram arrancados pelos humanos.

Tiros, currais, armadilhas, cevas. Tudo isso tornou-se cada vez mais comum no interior da floresta, e a quantidade de catetos, veados, pacas e antas diminuía. Não era mais possível evitar o cinza das estradas, pois o Máscara tinha que andar demais procurando as presas escassas. Não era mais possível evitar os sons associados aos humanos, pois esses sons se espalhavam por toda a floresta, e o Máscara teve noites insones e durante muitas semanas a fome cresceu e cresceu até se tornar mais poderosa do que o medo. E uma noite ele sentiu o cheiro de uma presa peluda e quente: um cão! E ficou esperando até que todos os barulhos humanos silenciaram. O cão,



amarrado por uma corrente a um poste numa certa distância da casa, não teve chance de fugir e quase nem teve tempo de granir. Era um cão grande, que o Máscara arrastou para dentro da mata e por alguns dias a fome sumiu.

E aí já estamos em outubro de 2020, quando podemos deixar a imaginação e contar que os

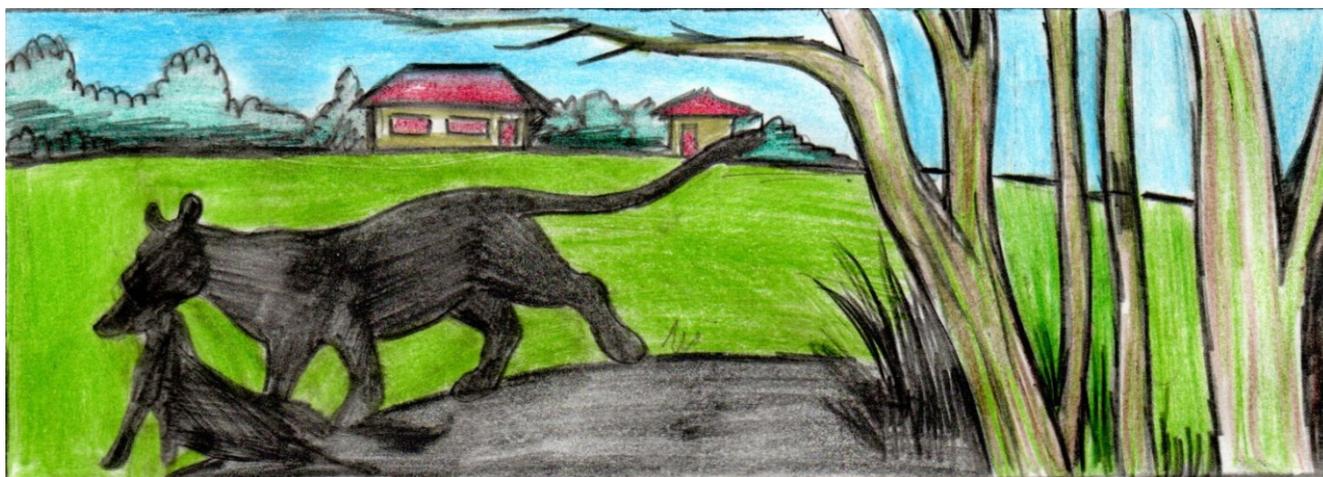
cães de dois moradores do interior do PETAR começaram a ser comidos por uma onça pintada. Mesmo assim não sabemos em quais outros lugares o Máscara procurou e comeu cães e em qual destes locais ele levou o primeiro tiro, aquele que quebrou sua pata.

Na verdade, até mesmo isso é uma suposição. Esse primeiro tiro pode não ter sido decorrência da aproximação de uma habitação humana. Em uma região em que a caça ainda é uma prática constante e um problema, o Máscara pode ter sido alvejado dentro de sua

nossa casa, destroem nossa comida e atiram em nós. Além disso, aqueles de nós que já quebramos algum osso, lembramos a dor medonha antes da imobilização por gesso e lembramos quanto tempo levamos para tirar o gesso e os primeiros passos depois disso, podemos - com o coração apertado - imaginar como teria sido sem o gesso...

Quanto tempo ficaríamos sem poder pisar, como arrumar comida sem usar um dos pés?

Possivelmente a fome e a dor estiveram

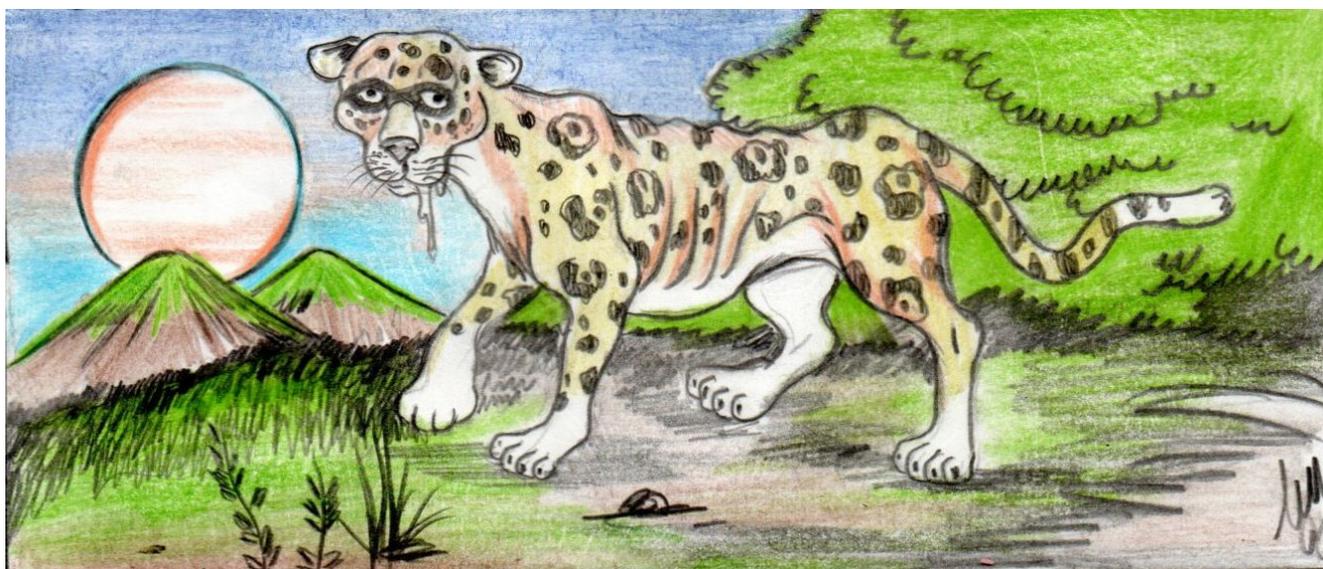


própria casa, um dos Parques Estaduais do Mosaico de Paranapiacaba, por um dos mesmos caçadores que lá entram para acabar com as presas das onças pintadas: as antas, veados, catetos...

Podemos apelar novamente para a empatia ao sentir que vizinhos incômodos entram em

presentes durante os sete últimos meses da vida do Máscara.

Temos registros dele mancando um pouco em janeiro e mancando quase nada nos meses seguintes, perto das bordas dos Parques e das habitações humanas ou em locais muito no interior da floresta. Esses registros nos fazem



respirar um pouco no meio da aflição, pois mostram que esses sete meses não foram só sofrimento, medo e fome. Entretanto, um pé quebrado e não imobilizado forma um calo ósseo imperfeito, que vai se quebrando a cada impacto mais forte, e em um destes impactos o pé se escangalhou totalmente.

Um vídeo de armadilha fotográfica, de 10 de junho, mostra o Máscara gemendo a cada passo. E emagrecendo. Até conseguirmos esse vídeo nós, pesquisadoras, e a equipe da Fundação Florestal, responsável pelos Parques Estaduais Intervales e PETAR, onde o Máscara vivia, havíamos nos concentrado em implantar medidas de contenção que evitassem que os animais domésticos fossem comidos: cercas elétricas, luzes que se acendiam com a passagem de um animal, sons que o espantassem.

Entretanto, esse vídeo deixou claro que o Máscara precisava de ajuda, e começamos a programar sua captura para tratamento. Não deu tempo.

A região onde o Máscara estava se alimentando de animais domésticos não tem muita gente morando. Uma dessas moradoras nos procurou pedindo ajuda: seus bichos estavam sendo comidos por uma onça. Ela e seu irmão viram a onça pulando a porteirinha da varanda com sua cachorrinha na boca. Ela nos falou da beleza da onça e da sua angústia: como continuamos todos aqui, eu, a onça e meus bichos?

Na casa dela instalamos cerca elétrica em volta dos bichos domésticos e luzes noturnas. Segundo ela, depois disso não houve mais problemas. Em locais desse tamanho, todos sabem de tudo. Todos deveriam saber que bastava nos procurar para conseguir apoio. Alguém optou por ignorar isso.

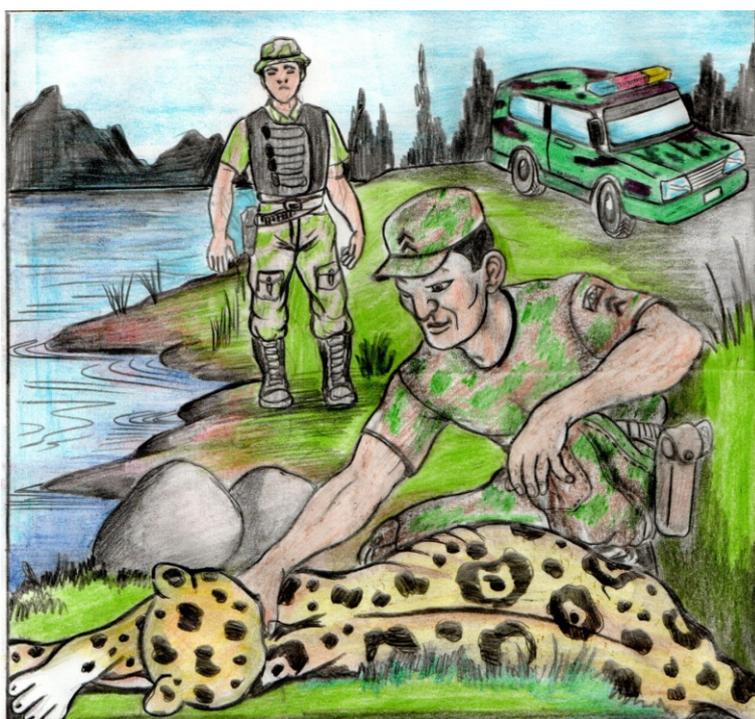
Na manhã de 5 de julho, o Máscara foi encontrado morto em um córrego na beira da SP 250, exatamente na divisa entre Capão Bonito e Guapiara. Ele não foi assassinado lá, havia marcas de pneus mostrando que foi levado para lá

e jogado de um carro. Quem o matou fez questão de que essa morte fosse conhecida. Uma espécie de afirmação: "Eu fiz porque eu posso". A caça anda cada mais vez mais impune, contando com o apoio explícito de governantes. Na tarde deste dia, estava marcada a última reunião de planejamento para a captura do Máscara.

O Máscara ganhou esse nome por ter duas rosetas- que são as pintas das onças pintadas - em forma de máscara, com aqueles buraquinhos para os olhos. No meio delas, ele tinha uma linda roseta na forma de uma cabeça de cachorrinho.

Existe uma história de alguém que foi gozar a cara de um monge budista que estava comendo, deliciado, um peixe: "Monge, para os budistas a vida não é o mais importante? Porque você está comendo a vida deste peixe?" "O peixe está virando monge"! Respondeu ele. Não é só ele que pensa assim: em algumas culturas que viviam com a natureza em equilíbrio e respeito, os caçadores agradeciam aos animais caçados ou seus espíritos.

Dá vontade de imaginar que os cães que o Máscara comeu para sobreviver em meio ao lento assassinato da floresta por nós, ao virarem onça, se expressaram naquela linda roseta.



Dona Maria, a guardiã

Quem conhece essa agricultora agroecológica da Cidade do Anjo?

Por Paula Daniel Fogaça



No dia 8 de setembro, com todo cuidado e muita expectativa, fomos fazer uma visita ao sítio Coqueiros, no Bairro Retiro, onde fica a casa da Dona Maria Luíza, uma agricultora de mão cheia; ali, ela e seu marido, Seu Zézinho, plantam horta, criam gado, tiram

leite, têm galinhas, gato e cachorro. Ela é agricultora, artesã, líder comunitária, uma guardiã de muitas histórias e sementes. Dona Maria planta sem uso de agrotóxico uma diversidade de alimentos, que abastecem a feira livre de domingo há muitos anos.

Agricultora experiente, dona Maria Luíza tem uma grande variedade de espécies de plantas alimentícias no sítio Coqueiros. Ela organiza a vida comunitária e mantém as tradições do bairro.

Como ela mesma diz, “Toda vida gostei de mexer com a terra”. É uma agricultora empenhada e mantém as diversas atividades em sua propriedade. Desde que ela e seu Zézinho se casaram, mudaram-se para o sítio no Retiro, que tem uma área aproximada de um alqueire e meio (3,63 hectare ou 36.300 m²).

Ali, têm uma excelente horta e pomar, onde colhem muitas frutas, legumes e verduras. Criam algumas cabeças de gado e, através de cursos e da organização comunitária, melhoraram muito a produção de leite. Na feira já vendeu frango caipira, mas se especializou mesmo na produção de uma diversidade de hortaliças como alfaces, couves, salsinha, cebolinha, entre outras folhas. Antes plantou uva, batata, foi uma grande produtora de maracujá, perdeu dinheiro com calotes, atravessadores e pelo clima, mas, hoje, trabalha principalmente na produção e cuidados com a horta, através da qual tornou-se uma feirante estabelecida, com clientela fiel.

Da sua prática com a terra, conta que passou a desprezar o agrotóxico na propriedade, e faz muito trabalho manual para cuidar das plantas. Neste inverno, antes de uma geada forte, vendeu o gado e parou com a criação de frangos de corte - disse que, com a idade chegando, tem diminuído o serviço.

É uma mulher muito importante para o Retiro; em suas falas, ela conta do empenho para lutar pelas coisas da comunidade, que já correu atrás de muitas necessidades do bairro, desde que se mudou para lá há 43 anos. Ela está escrevendo um livro sobre o bairro e suas

carências - entre as muitas lutas de que Dona Maria participou, há atividades como o resgate da realização da novena de Natal, a implantação da escola, a construção do posto de saúde; foi, também, conselheira no Conselho Municipal da Saúde, e é sempre ela que reúne a comunidade para receber e questionar os candidatos que visitam o bairro. Tem muita consciência da sua participação e cidadania.

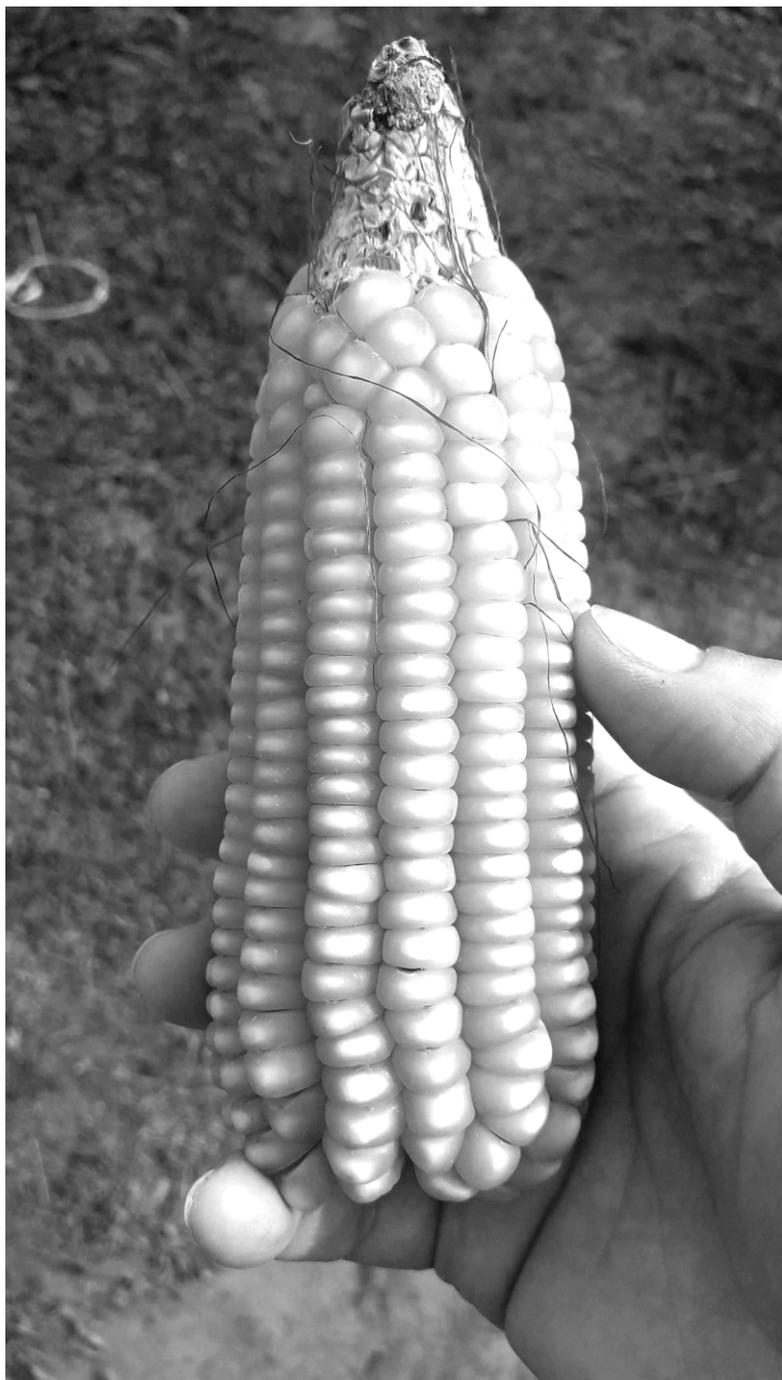
O trabalho que realizam no sítio, a maneira como vivem e tratam a terra, é tão diferente da maneira de seus vizinhos, que ela recebia anualmente, antes da pandemia, a visita de grupos de alunos e professores do curso de Geografia da Universidade de São Paulo (USP).

Eles iam até o sítio para entender como se pode usar a terra sem desgastá-la, de uma maneira que reúne o conhecimento antigo somado a técnicas de manejo modernas.



Muito devota, mantém uma capela em frente a sua casa, onde promove a tradicional troca das bandeiras de santo, hasteadas na ponta de um mastro de eucalipto, no dia 1º de janeiro.

A tradição vem desde o tempo do seu sogro, que era devoto de Todos os Santos e promovia a reza. No dia 1º de janeiro, reunia a família e vizinhos para rezar o terço, levantavam o mastro com as imagens, e serviam um lanche para todos. Com o passar dos anos, todos da comunidade passaram a ajudar e a festa finalmente cresceu.



Hoje, por causa da pandemia, faz dois anos que a festa não é realizada.

Surpreendi-me quando Dona Maria mostrou um milho branco que ela chama de milho de canjica, contando que planta aquele mesmo milho há mais de 40 anos.

Foi uma felicidade ver uma variedade tão antiga do que pode ser considerado um milho crioulo. Semente crioula é aquela variedade de semente obtida pelos agricultores ao longo de gerações, adaptada à região de plantio, e que

pode apresentar diversas variações.

Esse milho veio dos pais do Seu Zézinho, seu marido, que conta que planta essa variedade desde que tinha 12 anos e que ela já existia nos tempos de seu avô. Usado principalmente para alimentação das galinhas, é um importante resgate da tradição da vida na roça. Além, é claro, de permitir o replantio, tornando desnecessária a compra de sementes transgênicas.

Seu José lembra ainda de plantar arroz e algumas variedades de feijão. Dona Maria conta também do plantio de alho branco que via sua avó fazer, alho este que, depois de muito tempo, voltou às suas mãos. Ela ganhou mudas de uma amiga, e voltou a plantá-lo todo ano.

São muitas as histórias de tradição e modo de vida que Dona Maria conta - até o pé de laranja do fundo da sua casa ela trouxe a muda consigo quando casou. Dona Maria Luiza é um resgate das tradições da vida caipira e do conhecimento tradicional, sendo também uma guardiã de sementes.

José Nunes Vieira “Seu Zezinho” Marido e companheiro de Dona Maria, é agricultor e como trabalhador rural seguiu as transformações do uso da terra durante os anos em São Miguel Arcanjo. Trabalhou com uva e se arriscou no plantio da batata. Usou muito agrotóxico e fez plantio de monocultura.

Foi por causa de dois casos graves de intoxicações com agrotóxico, que seu José e Dona Maria preferem não usar nenhum produto químico perigoso. Hoje o solo na propriedade é preparado de forma manual, através de processos orgânicos e com baixo uso de insumos externos.

Seu Zezinho é um típico caipira, agricultor familiar, homem do campo e sempre tem um caso da roça pra contar.

Conversando com Dona Maria

Nome completo: Dona Maria Luiza da Silva Nunes Viera

Data de Nascimento: 26/07/1956

Modo de vida: Agricultora

Onde vive: É moradora do Bairro Retiro, Sítio Coqueiros

Revista Prosas: *Qual a sua relação com a terra?*

Dona Maria: É a coisa que eu mais gosto. É a melhor coisa pra mim, eu estar mexendo com a terra, com plantas, horta, os animais, eu tenho prazer em mexer com a terra.

RP: *Isso foi uma coisa ensinada?*

Dona Maria: Os meus pais já eram da roça, a gente cresceu na roça. Eu me afastei durante uns 10 anos, morei na cidade, mas o meu prazer sempre foi mexer com a terra - tanto que, na minha família eu sou a única que continuo mexendo com terra. Meu irmão trabalhava de pedreiro, electricista, encanador, as minhas irmãs trabalhavam de doméstica e eu fui a única que fiquei, não sei, devo ter puxado meu pai.

RP: *Você é a filha do meio?*

Dona Maria: Eu sou do meio porque tem dois mais velhos e dois mais novo.

RP: *Onde você nasceu?*

Dona Maria: No Bairro do Rincão.

RP: *Onde você conheceu seu Zezinho?*

Dona Maria: Ele eu conheci já para cá. Depois que eu retornei da cidade e comecei a mexer com terra voltando lá pro Retiro.

RP: *O que é ser agricultora pra você?*

Dona Maria: Olha, pra mim é coisa muito importante. Uma, porque eu estou fazendo aquilo que eu gosto, passando o que sei pros mais novos, colocando alimento na mesa das pessoas, isso tudo é muito importante para mim. Mas não há reconhecimento, você olha a prateleira do mercado e olha lá na roça, você como produtora sente uma tristeza imensa pela diferença e pela falta de reconhecimento.



Enquanto no mercado os preços sobem todos os dias, a gente da roça consegue ganhar um pouco porque entrega diretamente pro consumidor, mas a gente viveu épocas em que a gente mandava direto para o Ceasa, e não ganhava quase nada. É uma tristeza enorme porque a gente é totalmente desvalorizado.

Enquanto o coitado que vai comer, ele paga tudo. Então a gente tem os dois lados, tem o lado da satisfação e, infelizmente, tem esse lado em que a gente fica triste (com a falta de

reconhecimento e de retorno financeiro); por isso muita gente deixou a roça. Tanto que no nosso bairro teve uma época que os moradores foram tudo embora. Hoje o bairro voltou a crescer, tem bastante gente morando, mas teve uma época que o bairro ficou solitário. Ficaram apenas cinco famílias lá no bairro. Então, são esses motivos que levaram muitas pessoas a ir embora.

RP: *O que vocês produzem no sítio?*



Dona Maria: Varia de acordo com a época, a gente vai intercalando as coisas que são apropriadas para a época, as plantas de inverno e as plantas de verão.

Assim, temos produção o ano todo. Há também um problema... a gente que produz assim, no tempo, depende muito também da temperatura, da chuva, do ambiente natural mesmo, porque a gente não tem... nossa estufa é pequena né, a gente depende muito da natureza.

RP: *Como passaram de um modo de trabalho com o uso de adubo químico e agrotóxicos para o atual método, onde vocês usam muito menos desses produtos? Receberam ajuda de alguém ou de algum órgão?*

Dona Maria: A gente teve contribuição da Casa da Agricultura do município na época. E, através do SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) a gente fez cursos. No SENAR estava envolvida a prefeitura em parceria com o sindicato, e eles trazem os cursos pra região.

RP: *Como foi a mudança para o esterco de gado no lugar do adubo químico? Notou diferença no resultado, além da economia?*

Dona Maria: Principalmente na hora de comer o produto. A gente sente que o alimento é mais saudável, o sabor é diferente.

Olha, melhora em tudo. Na parte financeira, às vezes o lucro não aparece tanto, mas a gente vê o resultado na própria saúde, impacta muito na saúde.

Não só isso – depois que passamos a usar apenas o alho produzido por nós mesmos, a gente esqueceu que existe gripe. A gente nunca mais teve gripe. Então, eu acredito nisso, a gente percebe as mudanças no dia a dia, na saúde da gente.

E, claro, a todos nós aqui em casa tomamos as vacinas, que são muito importantes. Entre elas, a da gripe.

RP: *Sobre a disponibilidade de água nas suas terras, notou alguma diferença ao longo dos anos?*

Dona Maria: Olha, esse ano foi difícil, mas a gente, graças a Deus, nunca teve problema de falta de água na propriedade, temos os poços que são bons, e tem a água do ribeirão que passa no fundo, com o açude. Embora a gente não use a água do ribeirão, teve um ano em que precisamos trazer água do açude, do ribeirão, para o poço que vai água na horta, mas foi uma única vez. Esse ano foi sofrido, seca bastante, inclusive tem umas minas que pararam de correr água, mas na propriedade, graças a Deus nem a remoção não precisou fazer esse ano.

RP: *A remoção é o que?*

Dona Maria: A gente leva a água do ribeirão pro poço, de onde ela é usada para aguar as verduras e esse ano não precisou.

RP: *Vocês praticam algum tipo de melhoramento do solo?*

Dona Maria: Na medida do possível, a gente vai fazendo os manejos de cultura, a adubação orgânica e o esterco de vaca. A gente usou também o esterco de galinha, também é muito bom e ajuda bastante.

RP: *A gente viu aquele dia na visita. O solo é fértil pra caramba. Nasce almeirão roxo na porta de casa.*

Dona Maria: Em cima do cimento.

RP: *Impressionante a fertilidade daquele lugar. A gente ficou espantada demais.*

RP: *Qual é a melhor coisa de morar no sítio?*

Dona Maria: Ah, eu acho que é a tranquilidade. Tá tranquilo, você tá em paz, sossegado. Embora hoje já não seja tão

sossegado como era antes, infelizmente os bandidos acham o sítio também, aprontam roubam, mas eu acho que no sítio ainda vale a pena, é mais tranquilo que na cidade.

RP: *O que você pensa para o futuro, Dona Maria?*

Dona Maria: Não vou mentir, vou falar a verdade, eu já penso em procurar descansar um pouco, tô trabalhando muito (*risos*). Eu penso, o amanhã a Deus pertence, mas se a gente ainda continuar pra frente, provavelmente eu vou diminuir um pouco o ritmo e parar com a feira de domingo também, e ficar só com as entregas.

Porque, graças a Deus, a gente está entregando bastante mercadoria, quase toda semana aparece um freguês novo e aí eu fico imaginando, a feira e a entrega.

É muito melhor. Porque aí tudo que você tira da propriedade você já traz certo para entrega, já vem vendido. E ir para a feira ... é como se fosse numa pescaria. Você não sabe se você vai pescar ou não. A feira é a mesma coisa. Tem semana que vende tudo, tem semana que não vende, tem semana que volta muita coisa pra casa. Então se a gente for fazer assim, num balanço bem feito a entrega é melhor.

RP: *Então para o futuro descansar, trabalhar menos, todo mundo merece.*

Dona Maria: Trabalhar um pouco menos, porque, olha, é como eu sempre falo para as pessoas: quando eu tinha 20 anos eu pensava, será que eu aguento mais 20? Aguntei, passei e depois dos 60, eu olho pra trás e penso, nossa, jamais eu imaginava que ia chegar até aqui.

Então, eu estou pensando em trabalhar mais um pouco, até conseguir ajeitar umas coisas que precisa, e diminuir um pouco o ritmo,



porque a gente vai cansando. A gente já não consegue mais fazer o que fazia antes.

RP: *Para arrematar. Você gosta de viver em São Miguel?*

Dona Maria: Eu sempre gostei.

RP: *Nunca morou em nenhum outro lugar?*

Dona Maria: Não. Sempre na região de São Miguel. Mesmo quando acontece alguma coisa que chateia a gente, faz parte e não é só em São Miguel que acontecem coisas desagradáveis, é em tudo lugar.

RP: *É uma relação de amor e ódio ao mesmo tempo, às vezes de desesperança, às vezes de esperança.*

Dona Maria: As coisas se misturam né, infelizmente é no mundão, não é só em São Miguel.

RP: *O modo de vida, o jeito que você trata as plantas, a saúde, a vida, é admirável. A gente admira muito a história de vida que você teve.*

Dona Maria: Desde que conheci o meu bairro, o Retiro, a minha vida é assim, só voltada pra o que eu faço dentro da propriedade. É tanto pra dentro da porteira, quanto pra fora da porteira. Porque corri muito atrás de melhoria para o bairro.

Busquei, fui atrás, chamei, fizemos reunião, fizemos um monte de coisa que olha, precisava largar do sítio, largava do serviço e corria pra reunião. Correndo atrás de melhoria pro bairro.

Porque quando eu conheci o bairro, nossa, eu via em relação ao bairro em que eu nasci uma diferença muito grande. Porque no bairro em que nasci até o tempo que fiquei lá, a gente via

a movimentação, a vida, tendo escola, tendo igreja, tendo eventos. Quando conheci o Retiro, nossa, o bairro estava isolado, pra dizer a verdade, não tinha nada, comunidade desagregada, perdemos a escolinha que tinha. Era uma salinha única e aí, logo depois que eu casei, perdemos a escolinha devido à água que contaminou. A prefeitura foi lá fechou a escola e queria levar as crianças para outro lado.

Não sei qual o motivo de a água do poço estar contaminada. A minha menina nem estava na escola ainda, isso faz bastante tempo. E queriam levar as crianças pra outros bairros. daí foi minha primeira briga com a parte de política a respeito da escola. Porque eu falei, não podemos ficar sem escola. Imagine? Todos os bairros tinham escola. O nosso era um



bairro pobre. Um bairro que não tinha praticamente nada e ainda ia perder a escola?

A gente começou a brigar, brigar pela escola e vimos que ia perder de vez, por que já tinham começado a levar as crianças para a escola de outro bairro. A professora da época me dando uma força, ela me deu muito apoio no sentido de abrir meus ouvidos e minha mente pra gente poder lutar por isso e a gente, como se diz, arregaçou a manga e nunca parou mais.

A gente estava, também com muita luta, construindo a primeira capela do bairro. Água e luz era do vizinho que a gente pegava emprestado, mas mesmo assim a gente

conversou com a professora, conversou com o pessoal da comunidade e abrimos a capela, mesmo sem terminar, pra professora dar aula lá. Ali ela ficou, deu aula, a gente foi atrás da prefeitura, conversou, a gente cedeu por três meses, de três meses foi para um 1 ano a aula na capela.

A gente parou com a construção para deixar a professora trabalhar com os alunos do bairro. Pra não tirar eles do bairro.

Aí depois de um ano de tanta luta foi conseguido um outro lugar que é onde está hoje a escola e daí foram feitas duas salas primeiro, duas salas, banheiro e aí voltaram as aulas na escola, mas foi uma luta, não foi fácil. Isso custou briga, custou inimizade, porque é assim, se você tá trabalhando pro bem comum você ouve de tudo.

Tem aqueles que apoiam sua ideia, que aprovam, mas também tem aqueles que recusam, aqueles que... só que a gente não pode dar ouvido pra isso, né, quando a gente tá vendo que é uma coisa que é pro bem comum a gente tem que deixar de lado aqueles que pensam no bem só pra si e acham que o outro não precisa. A gente não pode se dar conta daquilo que eles falam, do que eles fazem, e a gente tem que ir em frente pra conseguir.

Também tivemos apoio da paróquia aqui de São Miguel, do pároco da época, porque os políticos da época queriam fazer, num terreno da igreja, um centro comunitário.

Não queriam fazer uma escola. Falando com o pároco, ele perguntou pra mim: mas o que vocês precisam? Escola ou centro comunitário? Precisamos de escola. Então fazer centro comunitário pra que? Pra dar aula nele por três anos, depois entra outro prefeito e fala aqui não pode, aqui é centro comunitário.

Aí que a briga foi feia porque parte das pessoas queriam o centro comunitário, sem saber o que era o centro comunitário. Só que, como falei pra você, eu não dei ouvidos, toquei em frente. Isso custou inimizade. Teve pessoa que ficou três anos passando por mim sem me cumprimentar, mas hoje tem netos na escola,

agradece pela escola que tem. Inclusive é um dos bairros da região de São Miguel que eu acredito que até então é o único que tem até o nono ano porque os outros não têm, a não ser acho que os japoneses lá na colônia.

Agora por último, foi o posto de saúde, é uma coisa que, para mim, foi um sonho que se realizou, porque eu não imaginava conseguir o posto de saúde e hoje estava bombando de gente lá, fazia um ano que não passava lá, hoje eu passei, e o pessoal estava atendendo. Então, isso tudo faz com que a gente veja as coisas de uma maneira feliz, porque tem muita coisa realizada, muita coisa melhorada.

RP: *É persistência, é a teimosia às vezes e seguir um caminho que você acreditou que era o certo e não ligou para as inimizades. Isso acontece. Muito bom. Conseguir uma escola e um posto de saúde é muita coisa.*

Dona Maria: Eu agradeço a Deus por ter conseguido levar essas melhorias pro bairro.

Na saúde a gente tem que fazer alguma coisa enquanto pode, depois que fica doente vai fazer o que? O atendimento para a saúde, temos que lutar por ele enquanto temos saúde, depois que perde, para recuperar não é fácil, não.

RP: *Você continua essa busca pela saúde, agora através dos alimentos?*

Dona Maria: A gente continua. Inclusive, eu faço parte do Conselho Municipal de Saúde. Eu posso dizer que eu me sinto realizada.



O crime é assim

Onde eu moro na favela tem só menores vendendo

Por um jovem são-miguelense

O crime é assim - quando você vende, e some com droga, os cara vão atrás, se não aparecer eles pegam sua família, e os caras dão um prazo de 30 dias.

Quando tava na biqueira os policia cercaram os cara e levaram os menores de idade.

É, o crime é assim, eles chamam até para assalto em banco e mercado. Para pagar eles e o dinheiro da droga você tem que fechar de ponta, para pagar. Até as crianças eles pega para vender droga. Onde eu moro na favela tem só menores vendendo, e quando vai preso eles não tiram da cadeia e somem. E também eles pegam para ficar de olheiro para os polícia não pegar quem tá vendendo.

No Curumim eu ficava de olheiro e quando chegou a noite eu tava indo embora, os policia me enquadraram, levaram na delegacia jogando droga e dinheiro em cima, daí meu parceiro foi na delegacia e falou que os policia jogaram droga em mim, daí me liberaram.

Eu, depois disso, nunca mais quis mexer com droga e até que um dia me chamaram para mexer de novo, daí disse que não pq tinha

arrumado um trabalho. Assim, fui conquistando as minhas coisas com o dinheiro



limpo e depois conheci umas turmas e me juntei com eles, daí fui participando de outra vida e nunca mais parei de participar.

Bullying: a pior fase da minha vida

Por Gustavo Tomaz do Nascimento

Introdução ao termo bullying

O bullying é a prática de atos violentos repetidos contra uma pessoa indefesa, podendo causar danos físicos e psicológicos às vítimas. Esses atos se originam e ocorrem em sua maioria no ambiente escolar.

Também existe outro tipo de bullying, o cyberbullying, em que o agressor fica escondido atrás de uma tela e protegido pelo anonimato. Os agressores atacam a vítima como fofoca, “memes”, imagens ou vídeos humilhantes exibidos em redes sociais. Os dois tipos de bullying causam sofrimentos, temor e constrangimentos e podem reverberar na vida pessoal e profissional para sempre.

Existem diferenças de bullying, racismo e homofobia. Segundo a Doutora Ellen, o bullying é um comportamento agressivo e perigoso, quando alguém conscientemente, de forma intencional, agride e intimida causando dano ou desconforto a outra pessoa ou grupo.

Mas apesar de também ser uma violência, é diferente do racismo. Para conceitualizar a ideia, a autora citou a definição de Nilma Lino Gomes: O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc.



Bullying

- Ocorre exclusivamente nas relações interpessoais, sendo um fenômeno psicológico com desvio de comportamento.
- Toda criança está sujeita a sofrer e/ou praticar
- Origina-se no espaço escolar e pode ou não expandir, ou seja, tem um território pré-determinado
- Não é crime, embora seja violência escolar

Racismo

- É ideológico e estrutural; por isso, existe também o racismo institucional
- Apenas a criança negra sofre o racismo – embora possa inclusive praticar. Mas a criança negra pode ser vítima de bullying e racismo ao mesmo tempo
- Não possui localização ou instituição específicas. Ocorre em todos os setores da sociedade, inclusive na escola
- É crime previsto pela Constituição.

Fonte: geledes.org.br

Quem é o entrevistado?



O entrevistado, Douglas Oliveira de 29 anos, é esteticista. Trabalha também com terapias holísticas alternativas e comida vegana e vegetariana. Douglas sofreu o bullying e a discriminação por ser gay e ter um visual diferente das outras pessoas, com roupas estranhas e cabelos coloridos. Portanto, Douglas fugia do padrão estético que o gênero masculino impõe, e isso segundo ele, era uma

grande afronta para a maior parte de seus agressores. “Precisamos entender que não existem desculpas para tais atos contra qualquer pessoa, é um padrão cultural de machismo, falocentrismo e homofobia”. Douglas acredita que deve-se abordar esses temas de forma clara e sem muito enfeite para que as pessoas convivam melhor e não pensem em suicídio, uma realidade bem comum para quem sofre este tipo de ataque. A divulgação da experiência de cada um tem grande valor para a construção de uma sociedade melhor, segundo o entrevistado.

Quem é o entrevistador?

Me chamo Gustavo Tomaz, tenho 20 anos e moro na cidade de São Miguel Arcanjo, SP, uma cidade pequena, com poucos habitantes.

Eu cresci aqui, somos uma família grande, sou gêmeo e tenho nove irmãos. Moro com meus pais, moro em uma comunidade pequena que é um lugar tomado pelo tráfico de drogas e vejo muitas crianças e jovens traficando e comprando drogas. Aonde eu moro não tem local para criança brincar. Aonde tinha parquinho já era, agora tomado por traficante; aonde era local para se divertir com a família, agora não pode mais porque agora virou local de tráfico. Eu, quando eu fui morar na comunidade, era uma pessoa muito medrosa porque, enquanto eu queria brincar com meus amigos na rua de dia, e chegava uma pessoa

para fumar droga, esse pessoa xingava, jogava pedra e não deixava brincar na rua mais, e enquanto isso não podia chamar a polícia que eles ameaçavam quem chamasse a polícia. Aonde moro era péssimo, até agora não mudou nada.

Eu, quando era criança, ia na escola com meu irmão, mas na época meu pai cortava meu cabelo e meu pai deixava minha cabeça careca, e eu e meu irmão ia assim para a escola, sem toca e sem boné. Na escola, depois que eu chegava na sala, os alunos olhavam para nós dois e davam risada bastante de nós dois.

Chamavam de caju e castanha, um até me chamava de louco, outro me chama até de cabeça de lâmpada, eu ficava com vergonha disso, mas eu sempre aguentei tudo isso que me xingavam, davam risada de mim, até que num momento eu não aguentei mais isso, as piadinhas contra nós dois. Depois que acabou as aulas do dia, eu fui e falei para um único amigo que eu tinha, falei para ele que não vou mais para escola porque estou levando piadinha na escola. E ele me respondeu, não vai estudar mais e você é o único amigo que eu tenho aqui na escola...

Mas aí fui conversar com minha mãe e ela foi conversar com a diretoria da escola, e foram chamado os alunos e conversaram com eles, mas no dia seguinte, um deles parou e me ameaçou por chamar a diretoria para ele; eu fiquei com medo e corri na sala, não almocei e fiquei sem almoçar, aí pensei não vou mais na escola e não fui mais, era 2017 e eu tinha 16 anos.

Depois de um tempo pensei, vou volta na escola para eu recuperar minha série que eu perdi, isso foi quando eu tinha 19 anos, agora



eu tenho 20. Eu fui estudar na outra escola e eu estava fazendo ela à noite e estava indo bem. Mas um dia eu estava com dor na cabeça na sala de aula, e aí levantei a mão e falei para o professor que tava dando aula na sala, disse professor eu posso ir na diretoria para ligar em casa dizendo que vou embora porque eu tou muito ruim, e o professor falou para mim em alta voz, Gustavo, você parece que saiu do presídio! eu fique com vergonha e sai da sala e fui embora. Falei para a família o que ele falou para mim, e disseram que eu devia denunciar o professor por me humilhar na frente dos alunos. Agora não esqueço que eu fui humilhado...

Essa aí foi minha história.

Quais os locais em que você sofreu bullying?

Escolas que estudei e algumas empresas que trabalhei.

Como você se sentiu?

Realmente posso dizer que foi a pior fase da minha vida, me senti muito triste, envergonhado, e com muito medo.

Que idade você tinha?

Nas escolas, desde que eu me lembro eu sofri muito, as coisas melhoraram um pouco quando entrei no ensino médio, e na primeira empresa em que eu trabalhei eu tinha 15 anos, sofri muito com alguns clientes e colaboradores da loja.

Você já contou ou conversou com alguém sobre isso?

Eu conto isso pra qualquer pessoa que quiser saber, acho importante falar, inclusive já conversei com alguns dos meus agressores e contei pra eles o que eles me causaram e como eu me sentia.

Você já teve ou tem a depressão por causa do bullying?

Eu tenho depressão e transtorno de pânico, acho que as agressões que eu sofri tem grande relevância nisso.

O que refletiu em sua vida ter passado por isso?

Baixa estima, não me sinto capaz de fazer algumas situações, não consigo confiar nas pessoas, qualquer tipo de relacionamento romântico ou não é complicado para mim, tenho pesadelos constantes com escola, tenho um pouco de pavor de escola.

O que você fez quando sofreu bullying?

Eu recorria aos professores, e à diretoria, eu escondia muito da minha mãe, muitas vezes eu apanhava, então eu escondia, geralmente eu preferia não contar pra ninguém, até porque a direção das escolas não me ajudava muito.

Como está hoje depois de sofrer bullying?

Eu sinto que me prejudicou em muitos aspectos na minha vida, mas estou melhor,

venho buscando encarar como uma experiência de vida.

Como seu pais se sente/sentiram com você sobre bullying?

Minha mãe sofria bastante, e até hoje ela sofre com a ideia, meu pai é falecido.

O que você gostaria de falar agora para seu agressor?

Eu gostaria de dizer que espero que eles tenham mudado seu comportamento, que eles realmente me prejudicaram muito em muitos sentidos da minha vida.

Inclusive na questão do meu aprendizado, não sei muitas coisas básicas que eu deveria saber, pelo meu sofrimento, e queria que eles soubessem que eu pensei em me suicidar muitas vezes pelo que eles me fizeram passar.

Espero que realmente eles tenham mudado, e espero para os que têm filhos ou irmãos ou parentes que estão na escola, que nenhum passe pelo que eu passei, porque realmente foi uma experiência horrível. Eu não me suicidei mas muitos cometem suicídio por isso.



BULLYING

Conversando com os Mamonas

Por Júlia Marques Galvão

Vinte e um de julho. Nesse dia de Projeto estava prevista uma conversa com a parteira na tradição são-miguelense, Camila Nogueira, mas por conta de um atendimento a um parto domiciliar, ela não pode estar presente.

Conversamos sobre o encontro anterior em que Camila estava, quando falamos sobre a Ancestralidade. Discutimos sobre a importância de entendermos de onde viemos, e como isso nos ajuda a entender também quem somos. Saber quem são nossos ancestrais e o que fizeram nos faz “colar” mais no mundo, segundo Camila.

A proposta do dia então, foi uma prática de exercício com a intenção de sair pela rua, traçar um roteiro pela cidade para tirar fotos que representassem os são-miguelenses, mas que fugissem um pouco da monocultura que nos é apresentada “oficialmente”: igreja matriz, praça, letreiro “eu amo São Miguel”, propostas megalomânicas de construção de anjos e por aí vai.

A conversa rolou até chegarmos no assunto: mamonas da cidade. Todo mundo conhece e sabe o que significa ser mamona. É um ser humano que por algum motivo ou vários, decidiu (ou não teve escolha) viver entorpecido por substâncias químicas e conviver em comunidade em locais públicos.

Mas porque estão vivendo assim, quem são, como é o seu dia a dia?

Em nossa conversa antes de sair, foram feitos alguns questionamentos de por que eles vivem dessa forma, se é por vontade própria ou se a vida os foi guiando para esse caminho. A. disse que eles estavam assim porque queriam. K. quis perguntar a eles porque eles são assim.

Decidimos, então, em unanimidade, que iríamos conversar com alguns ao invés de tirar fotos. Pois a proposta do Projeto Revista Prosas tem esse pano de fundo: trazer as conversas sobre a cidade com as gentes da cidade.

A intenção da saída foi, portanto, conhecer essas pessoas que são há tanto tempo intrínsecos à cultura são-miguelense. S., sempre muito coerente, atentou para não fazermos perguntas que possam ofender. Gerou uma reflexão de como seriam as perguntas, como chegaríamos para a conversa, e qual ponto da cidade seria.

Andamos pela cidade, representando uma metodologia do OPOCA, e logo nos deparamos com o grupo logo. D., muito despojado, fez a introdução a eles quando os encontramos no ponto escolhido, a Praça do Dante.

Foram simpáticos e mandaram-nos sentar no chão da praça. E sentamos, como se ali fosse a sua casa, como muitas vezes é.

No grupo de mamonas estavam quatro pessoas, um chamado B., homem preto de meia idade; P., de 14 anos, mulher parda transgênero e seu companheiro, homem branco com seus 20 poucos anos que não falou nada desde que chegamos, talvez por estar embriagado demais; e M., homem branco de 30 anos de nacionalidade uruguaia.

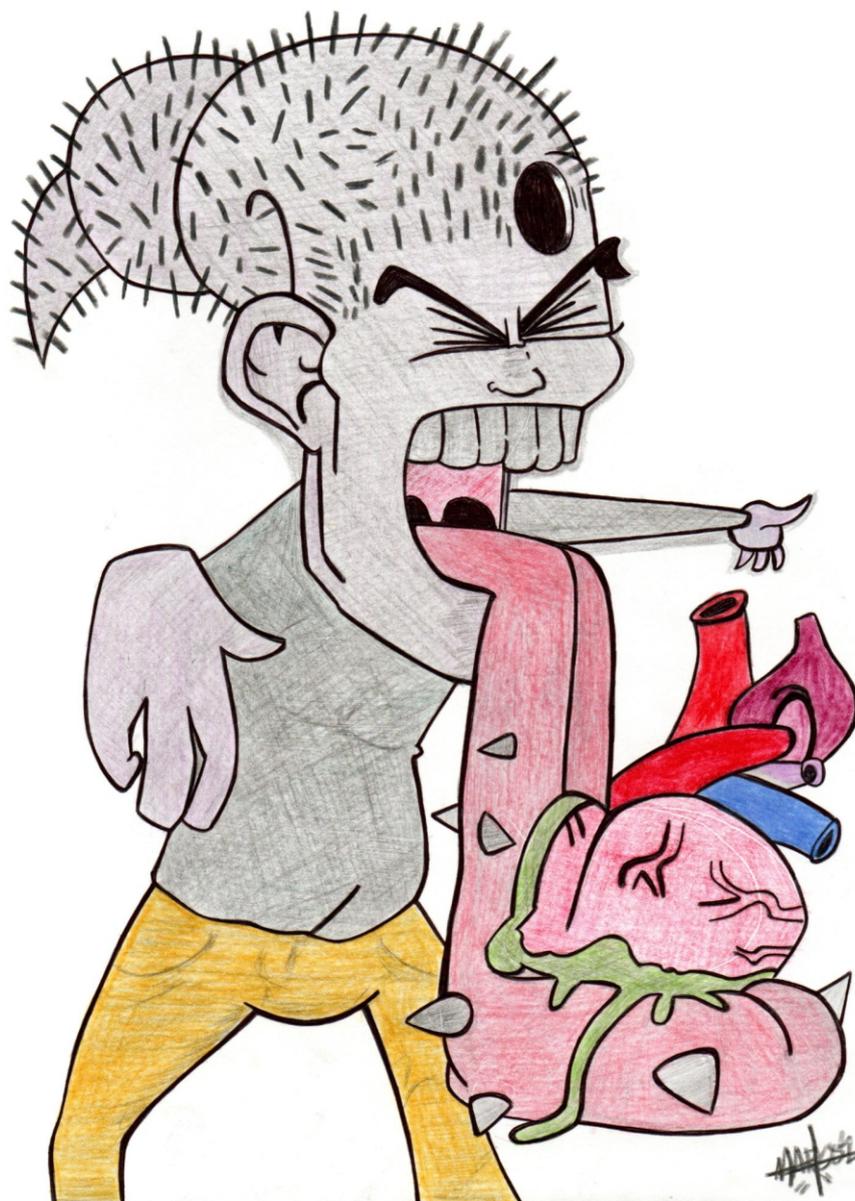
O uruguaio disse que mexe com mecânica, moto, carro, etc., que tem seis cursos completos, faz pinturas, trabalha com animais. B., já farto da conversa, disse-lhe que falava "mais que a boca" e tomou a iniciativa:

"A vida nossa, quer saber como é? Fica uma noite com a gente, porque não tem como explicar como é. O mais difícil é a higiene pessoal. Dormir, a gente dorme em qualquer lugar, qualquer calçada."

"Eu tô numa fila de espera de cirurgia. Tenho uma hérnia de disco, não posso trabalhar. Eu não quero dar dor de cabeça para ninguém, eu tenho hora pra sair de casa, mas não pra voltar, pra não dar dor de cabeça pro meu pai, eu fico

na rua. Graças a Deus tem gente com coração bom e ajuda nós. Se eu tenho duas coberta eu dou uma, se eu tenho dois bocado eu dou um."

Foram essas algumas das conversas. Um começava, outro terminava: "a gente geralmente ajuda o outro, porque se não ajuda



não é companheirismo", disse P. Ela foi adotada com três anos, por uma família de São Miguel, mas com 11 anos sua família adotiva a obrigou a trabalhar. Fugiu e foi morar com o pai e a madrasta: "Quase a matei e vim embora. Agora estou casada com ele (rapaz ao seu lado), vivemos em uma casa."

O uruguaio estava aflito para ir para São Paulo.

Tinha uma bike, suas mochilas com pertences, material para fazer comida, etc. A bike não funciona faz tempo, mas a história que ela carrega é muito maior e mais interessante. Andou desde o Estado de Santa Catarina empurrando-a, pois já havia estourado os pneus muito antes. Ele ganhou de uma pessoa que vivia na rua, assim como ele, e que agora tem família e carro. Segundo ele, vai ficar com a bike por motivo de honra. Ele quer muito ir para São Paulo porque sua mulher está lá.

Quando perguntaram se o uruguaio já havia conversado com o prefeito, B. interferiu dizendo que "Não dá pra conversar com o Oreia"...

Conversa vai, conversa vem, alguém diz: "Todas as pessoas que saem de seu país, vem parar em São Miguel Arcanjo, porque é um lugar que acolhe".

M. diz: "ainda bem que aqui não tem polícia federal", A. diz: "Graças a Deus".

Perguntamos a B. qual era seu nome, ele diz, o uruguaio fala: "Ei, cacho, também sou M." Faziam três dias que estavam juntos e somente naquele momento descobriram qual o nome de cada um. Para quê saber nomes, idade? A vivência das ruas é tão intensa, que essas formalidades acabam ficando de lado.

Essa prosa me mostrou o quanto os mamonas podem ser pessoas generosas, companheiras e solidárias.

O uruguaio, por não ter como sair de São Miguel por conta do transporte, doou à Casa OPOCA alguns alimentos, dizendo que podia deixar para quem precisasse mais, que ele se vira. Disse então que, quando encontrasse sua carona, poderia buscar os alimentos de volta.

Tanto M., B., P., quanto os demais presentes nesta tarde, mostraram que para um ser humano viver não é preciso muita coisa, mas que o companheirismo e a solidariedade são fundamentais para a sobrevivência nas ruas. E não só nas ruas, acredito.



Um trans em São Miguel

Por Anally

Pessoas transexuais sempre existiram - mas é muito recente a possibilidade de falarmos do assunto. Aqui, damos voz a um sãomiguelense que passou pelo doloroso processo de transformação física e psíquica . Pedro Henrique, é com você!

Quem é o entrevistado?

Pedro Henrique Dias Corrêa tem 23 anos e foi o primeiro homem transexual na cidade a ter os acompanhamentos fornecidos pela rede pública de saúde, até a mastectomia (retirada cirúrgica de toda a mama).

Pedro já morou em diversas cidades, uma delas foi Itupeva, interior do Estado de São Paulo, mas é em São Miguel Arcanjo que, junto de sua esposa e família, ainda vive. Pedro Henrique é técnico de turismo, pela ETEC Darcy Pereira de Moraes, em Itapetininga.

Recentemente foi convidado pela Casa GENSEX - NASF, no dia do orgulho LGBTQIA+, para contar o início do processo de transição à realização da mastectomia masculinizadora.



1. Como foi para você a transição de gênero no meio escolar?

Durante minha fase escolar passei por muitas escolas em várias cidades, até então não havia me “descoberto homem trans”, mas sim lésbica, e não era um problema, até voltar para São Miguel, onde ainda uma cidade arcaica, houve repressão no sistema escolar durante o ensino médio, principalmente vindo de alguns outros estudantes.

A ponto de quando me entendi e me encontrei no fim do 3º ano, por medo eu decidi apenas começar a transição quando me formasse no ensino médio. Porém, no Ensino Técnico, no qual ingressei no ano seguinte, desde a matrícula sempre houve respeito pelos meus direitos, por parte do corpo docente e dos alunos, fazendo com que um ano e meio valesse mais que todos os outros no ensino básico.

2. Quando começou a perceber quem você era?

Na puberdade existe uma pressão maior na questão de gênero, quase como que te colocassem em caixas, e eu não cabia na que me impuseram, mas tentei entrar, me adaptar, mas aquilo sempre me incomodou, sempre soube que não era eu de verdade, precisei criar um personagem na esperança de me adaptar.

Eu sempre me senti e me vi como um garoto, mas não entendia o que acontecia, como era possível, como eu poderia ser se me diziam o contrário. Taxado como diferente na “grande” Nestor Fogaça, exposto, feito de chacota, o bullying fez com que a pressão social sobre meu jeito e aparência me pressionassem tanto a ponto de eu não conseguir encostar em meus cabelos, (progressivados e longos, aliás, seguindo os estereótipos de nossa sociedade).

Então, cara entrevistadora, imagine como era, para uma pessoa nesta situação, sabendo que não era aquilo, sem o mínimo de referência,



ainda tentando se encaixar.

Até pensei que estivesse ficando louco, a ponto de pesquisar, me lembro claramente, “meninos no corpo de meninas”, e encontrei o termo “Transexual”, e a partir daquele momento foi como se tirassem uma venda dos meus olhos, e eu vi que não era louco, que pessoas como eu existiam. Descobri a história de João W. Nery, que me mostrou que nós existimos há muito tempo. Vale ressaltar que embora não façam muitos anos a minha transição, de lá ate hoje muita coisa mudou, não existiam tantas conversas, nada na mídia, na verdade na mídia só existia piadas pejorativas.

Então, se encontrar sem nenhuma referência, era muito complicado. Eu já estava em quadro depressivo, não havia descoberto quem eu era, via o suicídio como uma escapatória, por não ser feliz no que me impunham, e com medo, sem saber para onde ir em uma cidade retrógrada. Depois de descobrir que sou trans, a transição se tornou a minha salvação. Eu renasci e pude viver quem eu realmente sou.

3. A escola te ajudou a se sentir confortável para se abrir com ela em relação a esse assunto?

Não, a escola sempre transformou em tabu, fazendo com que os dias de pessoas como eu fossem ainda mais difíceis, ao invés de ser fonte de conforto e ajuda.

4. Como você lidou com os comentários maldosos em relação a isso?

Pessoas maldosas infelizmente sempre irão existir, e cabe a nós decidirmos o que faremos, vamos deixar que abalem nossa luta, ou ignorá-los?

Eu tento ignorar, mesmo que algumas vezes me abale. Me fortaleço com as pessoas boas que me cercam, e o resto se torna tão mínimo!

5. A sua família te apoiou no processo de sua transição?

Sim, graças a Deus eu tenho uma família incrível, que me ama e apoia em tudo; quando falamos em transição, ela não acontece apenas com a gente, mas também com quem está à nossa volta, e uma adaptação para todo mundo, precisa ter paciência, mas o amor sempre encontra uma forma.

6. Qual foi o caminho para a sua transformação? Quais as ajudas que você recebeu? O que te motivou a encarar esse processo?

Em minhas pesquisas eu soube que precisava de apoio psicológico, porque a transição é algo sério, que precisa de apoio profissional e eu sempre quis fazer da maneira correta.

O único que eu conhecia era o dr. Edgar, depois de dois encontros ele me colocou em contato com a enfermeira Luciana, que me acolheu e sua esposa, Dra. Amália, fazia parte da reunião da Saúde, me levou como pauta, conseguindo assim os acompanhamentos necessários de psicólogo e psiquiatra no CAPS, no começo fazia também acompanhamento com o endócrino no AME Itapetininga.

Foi uma luta imensa, muitos “Não”, também pelo fato de eu ter sido o primeiro a procurar acompanhamento na rede aqui em nossa cidade; agora vejo outros conseguindo de uma forma mais fácil, me emociona muito. Com

muito orgulho, faço todos os acompanhamentos necessários aqui em SMA, na casa Gensex, que atualmente ganhou prêmio de referencia no estado, com o trabalho que vem desenvolvendo com a comunidade LGBTQIA+.

Fruto da luta especialmente da dra. Amália e enf. Luciana, e da nossa comunidade, que brigou bravamente. Minha motivação maior foi eu saber que precisava disso para conseguir seguir, para conseguir ser feliz, não aguentava mais a tristeza e infelicidade de não poder ser quem realmente sou.

7. Se você pudesse dizer algo ao Pedro do passado, o que você diria?

Eu com certeza reforçaria o que o Dr. Edgar me disse na primeira consulta, “Um tijolinho de cada vez”. Não pare, não pare, pois vai valer a pena, você vai abrir caminhos e conquistar tudo que sonha. Em frente, em frente sempre!!!

Obrigado pelo convite, me sinto honrado em poder compartilhar minhas experiências com vocês.

Sobre a Casa Gensex

O Grupo de Estudo voltado a Saúde Integral à População LGBTQIA+ (pessoas lésbicas, gays, bissexuais, mulheres e homens transexuais e travestis, queer, intersexo, assexuais e outros mais), foi constituído e vinculado no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de São Miguel Arcanjo.

O intuito deste Grupo de Estudo é concretizar ações, no âmbito de cuidados em saúde, a fim de estabelecer o Comitê Técnico de Saúde Integral à População LGBTQIA+ de São Miguel Arcanjo, com objetivo de estruturar políticas públicas e promover cuidados em saúde a esta população com base nos princípios do SUS, considerando a alta vulnerabilidade e a grande desassistência que contempla este público.

Ser homem, ser trans: sobre nossas infinitas possibilidades de olhar a diferença como aprendizado

Um avanço importante dos estudos de gênero nos últimos setenta anos foi desconstruir muitas ideias do senso comum a respeito do corpo, do gênero e da sexualidade.

No senso comum, temos a ideia de que a genitália com a qual a pessoa nasce (se um pênis ou vagina) define a sua história: se será homem ou mulher (identidade de gênero), que irá se interessar sexualmente pelo sexo oposto (sexualidade, se heterossexual) e, ainda mais, terá um destino traçado (papeis de gênero) sobre se irá gostar mais de rosa ou azul, de bonecas ou de carrinhos; na vida adulta, se será engenheiro ou professora, se, na família, acumulará todas as responsabilidades pelos cuidados domésticos e a criação dos filhos.

É muito revolucionário pensar e agir de modo que não seja assim, necessariamente. Que, por diversas razões de ordem biológica, social ou psíquica, há pessoas que não se enquadram neste roteiro.

As pessoas trans subvertem o gênero, não se identificam no gênero determinado pela sua genitália, e assumem uma outra identidade, que diz mais respeito à forma como se sentem e interagem no mundo.

É um processo longo de transformação, na maioria das vezes doloroso. Certa vez, em uma palestra, ao dizerem a uma mulher trans que ela tinha tido muita coragem em assumir sua identidade de gênero como mulher (após um casamento heterossexual em que sua expressão de gênero era masculina, e tinha dois filhos já adultos), ela respondeu: “as pessoas não entendem, não foi coragem, foi sobrevivência. Se eu não fizesse isso eu ia morrer”.



Susan Striker, ativista e pesquisadora trans norte-americana, diz que “cada respiração de uma pessoa trans é um ato de resistência”, resistência para viver, para enfrentar o preconceito, a exclusão social e a solidão, enfrentar a carência de tratamentos na área da saúde - que deveria ser um seu direito. Por isso, a resistência. Cada respiração de uma pessoa trans desafia o que pensamos sobre o que é o gênero e nossos destinos como homem ou mulher desde, pelo menos, o século XVI.

É muito importante ouvir a história do Pedro trazida por esta entrevista. Ela nos fala de luta, superação e nos convida a olhar a diferença com outros olhos, não pelo olhar que condena, segrega, oprime. Mas o olhar que convida, os ouvidos que escutam, a convivência democrática que acredita que a diferença ensina e nos torna pessoas melhores.

Fernanda Belizário é formada pela ECA/USP e Doutora em Pós-colonialismos e Cidadania Global pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal.

Casa de barro, uma opção barata e eficaz

Por Sara Soares e Jeniffer Silva

A casa de Barro foi construída em três finais de semana de outubro de 2021 pelo senhor Antônio Vieira, que aprendeu com seu pai a fazer casa de barro, sapé e madeira.

Era um meio mais fácil e econômico e todos os irmãos adquiriram esse conhecimento.

No dia 8 o pessoal do OPOCA fez um mutirão para aprender juntamente com o senhor Antônio; foi uma experiência enriquecedora aprender fazer uma casa econômica e sustentável.

Com o alicerce já feito pelo senhor Antônio nos mutirões dos dias 08 e 16, aprendemos a amarrar taquara, que é travar o ripamento antes de barrear.

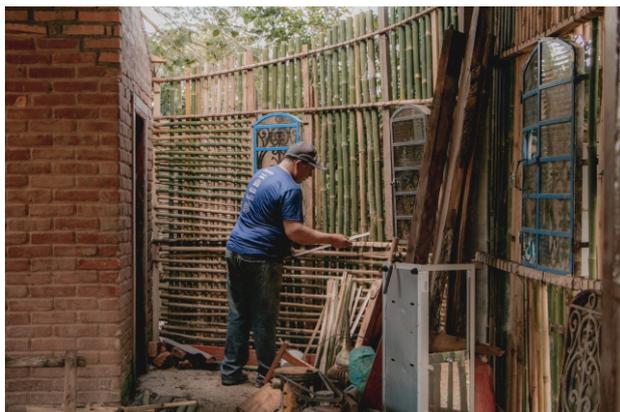
Começamos a barrear 23 de outubro, nós amassamos o barro e distribuímos para começar a barrear, foi muito legal viver essa experiência, a gente queria compartilhar um pouquinho do que nós vivenciamos pra vocês.

O mutirão aconteceu com ajuda da Elaine, Sara, Daniel Soares, Alemão, Daniel Knob, Jennifer, Bia e Bruno.

Sara Soares e Jennifer Silva fazem parte do Conselho de Jovens do OPOCA e são bolsistas do Projeto de Iniciação Científica do Observatório



Popular Cidade do Anjo. Ambas têm 15 anos e representam a juventude feminina em diversos projetos e ações pela cidade.



O que é uma Bioconstrução?

A bioconstrução pode ser considerada uma filosofia de construção de casas e espaços comuns baseada principalmente em biomateriais: madeira, terra, argila, areia, pedras.

O alicerce de uma casa bioconstruída pode ser feita de pedras encaixadas, que evitam que a umidade do solo suba às paredes por capilaridade.

A estrutura da casa é de madeira, mas diversas técnicas construtivas podem ser escolhidas e mescladas, como é o caso dos adobes, hiperadobes, superadobes, que fazem a vez

dos tijolos e blocos e podem ser auto-estruturantes.

A carpintaria pode ser uma técnica muito útil para as casas de taipa ou pau a pique já que o telhado, as portas e as janelas são instaladas primeiro para que depois a casa seja "selada" pelas paredes de barro, por exemplo. Cada território local, deve ter um projeto/design específico para a realidade dos materiais ao redor, assim como o bioma e as condições climáticas. Assim, duas casas de bioconstrução dificilmente são iguais.

Cada uma no fim tem sua identidade, sua própria arte e sua história que geralmente está contornada pelos mutirões e apoio comunitário que selam a casa talvez em sua função principal: a de acolher, agregar e viver.

Terra: materialidade do manuseio, do criar e do habitar

Por Débora Fernandes



Na infância, terra é substância de brincar. No vaso de planta, terra é elemento de vida. Na construção, a mistura de terra mais água vira parede. No tato das mãos, terra transforma-se em escultura. Na arte, terra e suas extensões - barro, rocha, argila, lama, solo, húmus - são materialidades de manuseio, suscitam a criação e redesenam a noção de habitação. Matéria formada de minerais, oxigênio e água, a terra é recorrente na ode poética universal, dado às suas nuances material e sensorial.

Externalizo, a seguir, simbologias da terra, bem como exponho uma oficina de pintura com

pigmentos naturais à base de terra, por fim, enuncio um ensaio visual onde a terra tange às mãos e vice versa.

A terra é marcada como elemento fundamental para diversas crenças e ritos tradicionais. O Céu e a Terra são referidos como o par primordial no imaginário popular. Povos originários consideram a terra como útero materno, ventre no qual surgem todos os seres. Nos cultos agrícolas, a Terra é o símbolo de toda a fertilidade.

Num movimento de que tudo que dela provém a ela retornará, a Terra é metáfora de regeneração da vida. A terra apresenta-se como um “cosmos-receptáculo das forças sagradas difusas (ELIADE, 1970, p. 297)”, na sua vasta extensão abraça uma cadeia de concretudes, incorpora montanhas, rochedos e toda a vegetação.

A terra é a representação de um todo, posto que até mesmo em fragmento, a terra é considerada manifestação de algo inteiriço, absoluto. A terra crua, por exemplo, na composição de diminutos cristais, compõe

uma pintura que sugere um cosmos particular de quem a compôs.

Após inventariar simbologias da terra, me coloco em ânimo para descrever experiências de conexão entre terra e arte e ser numa proposição poética contemporânea. A Casa OPOCA me recebeu nos dia 21 e 22 de outubro para realizar uma oficina de pigmentos naturais à base de terra.

Com inspiração vinda do acervo visual de Brígida Baltar, artista contemporânea, um coletivo de mães e jovens participou de uma vivência sobre o criar e o habitar no contato com a terra. É significativo mencionar que Brígida revela gestos singelos de coletas em sua casa. Dos tijolos de terra retirados de suas paredes, alguns se tornam território de cultivo de temperos (obra Horta - 1996/2008) onde renascem plantas; outros se transformam em desertos pigmentais de pó colorido (obra Casa - 1996/2013); há, ainda, aqueles que viram florestas pictóricas (obra Flora do Sertão - 2008). Assim, Brígida poetiza a terra e transfaz os sentidos da casa e do habitar.



Após acessar esse acervo, as mães e jovens da Casa OPOCA assistiram ao vídeo das mulheres Kassena e Gourounsi efetivando a pintura tradicional de suas casas em Tiébélé, vila de Burkina Faso na África. Casas edificadas com terra, madeira e palha, sobrepostas por grafismos geométricos à base de tinta pigmental de terra e verniz de vagens néré, árvore de alfarroba africana. Em seguida, desenrolou uma prosa bonita sobre formas de habitar, sobre as memórias afetivas de construções de barro e as possibilidades de resgate de tais artifícios construtivos.

Pautados nesses diálogos, visualidades e reminiscências, os convidados foram tecendo suas próprias superfícies artísticas. Surgiram representações de casa de infância e casa de ancião.

Manifestaram-se diversas vegetações que circundam moradas. Tiveram tijolos, paredes e janelas, limiães da casa. Afluiu um pássaro, um pé de feijão e duas árvores centenárias. No

mais, desenrolou ali, junto à música calma e a luz do pôr do sol, a alquimia da terra que fez do momento um lapso temporal valioso.

A oficina, externalizada acima, é um desdobramento da minha pesquisa de mestrado em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo, onde a casa, o habitar e o criar são os fios condutores. A investigação permeia uma reflexão sobre as maneiras de ocupar o espaço e das relações estabelecidas nele e para com ele.

Tenho por objetivos ponderar sobre os significados, desdobramentos afetivos, recordações, ressignificações, limites e permanências do espaço vivenciado, assim como suas potências e possibilidades poéticas.

Creio que essas questões são aprofundadas no contato com narrativas e materialidades visuais de outros sujeitos, através do resultado de uma oficina que inspira o manuseio da terra.



Deste modo, trago aqui um ensaio visual com fotografias do processo da oficina, que reverberam a constatação de que a terra não é mero recurso, mas condição viva e movente. Não é objeto, mas organismo, materialidade da qual fazemos parte.

A terra é da ordem vital. A terra manifesta devires e reforça a transitoriedade. A terra carece de ser um espaço imaginado e reordenado para a criação de outros mundos possíveis, mundos ecossistêmicos, mundos arcaicos e mundos originários, expressos através do manuseio no fazer poético.

Em uma sintonia singela, enquanto a oficina com terra se efetivava, uma casa de barro se edificava, a relação em comum é o contato potente das mãos com a terra. Essa dança entre corpo e barro compõe uma poética materialidade sensível do mundo. Seu Antônio, junto de seu filho Daniel, guiaram um mutirão que fez no solo nascer uma casa de bambu e barro. A Casa de Barro é o mais novo espaço de

extensão da Casa OPOCA, a princípio um lugar de residência aos visitantes do mundo que queiram alojar-se num cantinho fresco de terra.

Em síntese, rememoro: terra, barro, rocha, argila, lama, solo, húmus - todas essas substâncias exibem suas características simbólicas de potência e energia, ancestralidade e fertilidade, particularidade e universalidade. Através de manejos artísticos e manipulação da matéria, artífices, aqueles que efetivaram contato com a terra na oficina e na edificação da casa, reinventam novas possibilidades de criação e habitação, as quais reivindicam um corpo imanente, ativo e presente. Trata-se de passar a olhar a casa e os lugares nos quais se assenta o corpo com outros sentidos. A morada, através da arte, torna-se habitação singular numa casa ressignificada.

Débora Fernandes é artista-educadora, pesquisadora e fotógrafa. Mestranda em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Graduiu-se em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina (2017). Realizou as exposições coletivas "Ainda olho, ainda falo" (2014) e "É da minha natureza" (2018) em Londrina/PR.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.
- BALTAR, Brígida. *Passagem secreta*. Rio de Janeiro: Ed. Circuito, 2010.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Lisboa: Edições Cosmos, 1970.



A Criatura da Casa

um conto da Casa Amarela

Por Júlia, Elaine, Daniel e Tiago

Uma história real-fantástica baseada em seres reais-fantásticos

Era uma vez uma menina de oito anos que tinha um irmão gêmeo da mesma idade.

Os dois irmãos não se desgrudavam e faziam tudo o que podiam juntos. Muitas aventuras e travessuras aprontavam com seus fiéis escudeiros, os seus amigos vizinhos que viviam na mesma rua.

Perto de suas casas existia um lago muito bonito, porém muito poluído. Também havia um campo de futebol, algumas árvores e um parquinho um pouco enferrujado mas, em meio a tudo isso, o que mais os intrigava era a existência de uma casa que há anos estava abandonada.

Essa casa, diziam os mais velhos, era mal assombrada por seres extremamente maldosos e mal cheirosos.

Um belo dia, os irmãos gêmeos convocaram a sua tribo de amigos para descobrir o que na casa havia de tão sombrio, uma vez que os irmãos idênticos, mas muito diferentes, diziam que dali não tinham medo.

Nesse instante de ideias sobre como entrar na

casa sem que dali ninguém pudesse se dar mal, eis que surge das redondezas uma velha mal humorada com o namorado que lhes disse que a casa havia sido invadida por homens barbudos e mulheres cabeludas.

Os barbudos estavam, na verdade, espantando o mal cheiro. As cabeludas, por sua vez, só estavam espantando a maldade.

Mas o que ninguém sabia, nem os barbudos, nem as cabeludas, muito menos a velha mal humorada com o namorado, era que ali vivia uma criatura escondida desde bem antes da casa ser abandonada.

A incrível criatura vivia, ali, presa nos porões que não existiam, nos sonhos que não eram sonhados, nas histórias que não eram contadas, nos livros que não eram lidos, nas árvores que não eram plantadas, nas brincadeiras que não aconteciam, nos sorrisos que não eram dados.

Quando as crianças, numa investigação profunda, descobriram a triste história da criatura, resolveram fazer algo para que ela pudesse se libertar.

Juntos com os homens barbudos e as mulheres cabeludas, começaram a sonhar com uma casa alegre, a plantar árvores com frutas doces, a contar histórias de livros e vidas, a imaginar porões vastos e coloridos, a sorrir, cantar, dançar batucar, a brincar de esconde-esconde, a pintar, e esses sonhos reais de criança foram espantando o abandono e a maldade.

Enquanto isso tudo acontecia, a criatura, aos poucos, foi se libertando e se tornando cada vez mais viva, vibrante e alegre, enquanto subia e ocupava as paredes da casa antiga com sua cor. Para o espanto e alegria de todos, ela era amarela.

E foi assim que os gêmeos da mesma idade e seus amigos vizinhos da mesma rua deram o nome a antes triste e abandonada casa, de Casa Amarela.

Felizes, mal sabiam eles, porém, e ainda não tinham como saber, que monstros saídos das profundezas da superfície da cidade apareceriam bem ali...





Memória, ancestralidade e pertencimento

Por Elaine Silva

Parecia ano novo... de fato algo estava acontecendo...

Uma novidade. Algumas certamente.
Um domingo que seria diferente para a gente.
O sentimento era de completa esperança: Bem seria batizado.

Batizado pela comunidade. Pela comunidade de vida.

Batismo xamânico!
Na natureza.
Entre as árvores.

Em roda,
Ele foi apresentado aos quatro elementos e conduzido pela sua parteira aos seus padrinhos e aos seus pais.

O choro,
O colo,
O peito e o alimento que acalma.

Sagrado feminino!

Significou para mim a expressão “do átomo ao arcanjo tudo se transforma”...

As palavras de comprometimento com a vida e os gestos de amor para com a criança, foram sentidas na alma e na memória.

Memória e ancestralidade. Pertencimento!

O vento a embalar as árvores encostaram carinhosamente suas copas no céu,
Nesse instante vi minha mãe, senti como se eu fosse bem pequena...

Na grama a Clara seguia o balanço e rodava

com os pés e as mãos no chão.

As vozes acompanhavam os tambores e ressoavam toda a vida e o cosmo.

Vida em abundância!

Das palavras lançadas pela ancestralidade em canto ecoou e eu entendi:

Terra corpo.
Água sangue.
Fogo espírito
Ar sopro.

De amor!

E concluí... o Bem é um avatar!
Rimos... no caminho de volta.

Hindus e indígenas ao rirem juntos diriam:
uma manifestação corporal e espiritual,
um ser imortal por vezes mais evoluído.

Toda criança assim é: estado de potencialidades e poesias.

Assim seja!



Foto de Bruna Moscatelli

16/0



Sara Vitoria

Memes, o que são e para que servem

Por Kaíque Lopes

Meme, uma palavra muito dita e escutada ultimamente. Mas você sabe o que é? Você sabe a origem? Você sabe quando o primeiro meme foi “criado”?

Bom, vou explicar.

O conceito de meme teria sido criado pelo zoólogo e escritor Richard Dawkins, em 1976, quando escreveu, no livro “The Selfish Gene” (O Gene Egoísta) que, tal como o gene, o meme é uma unidade de informação com capacidade de se multiplicar, através das ideias e informações que se propagam de pessoa para pessoa.

Existem rumores de que o primeiro meme a ser publicado na internet foi criado em 1998, por Joshua Schachter, que na época tinha 24 anos e trabalhava num serviço de weblog chamado memepool, onde vários usuários podiam compartilhar links e imagens interessantes.

De forma básica, o meme é tudo aquilo que usuários da internet repetem, simplesmente uma ideia que é propagada através de imagens, vídeos, GIFs etc.

Profissionais de marketing têm abraçado o meme como uma ferramenta de marketing viral para seu produto ou serviço, fazendo publicidades para certos públicos.

O meme também pode ser utilizado para levar informações e trazer entretenimento para as pessoas ao redor do mundo, que é o objetivo da minha página, Memes 071.

Criada logo no começo do ano de 2020, a página teve uma repercussão absurda em questão de alcance com publicações. Há alguns meses tive o alcance de UM MILHÃO E MEIO de pessoas com publicações.

Porém nem sempre foi assim, houve vários meses que foram fechados no vermelho em questão de alcance. Já tive a página denunciada por umas três vezes por desacordo de opiniões etc.

Mas também já recebi várias mensagens positivas de seguidores agradecendo pelo conteúdo, falando que estava passando por momentos difíceis e minha página o ajudou a se “recuperar”.

Esse é o meu maior objetivo, tirar um sorriso de uma pessoa triste e de alguma forma poder ajudar trazendo entretenimento de qualidade.

Em poucos meses a página estará completando 2 anos, e com muita alegria estarei compartilhando com vocês alguns memes feitos para a nossa cidade.



Governo: Fiquem em casa

Meu bairro:



Posto da minha cidade de madrugada



Eu amo minha cidade, nunca vou
sair daqui..

Eu na primeira oportunidade:



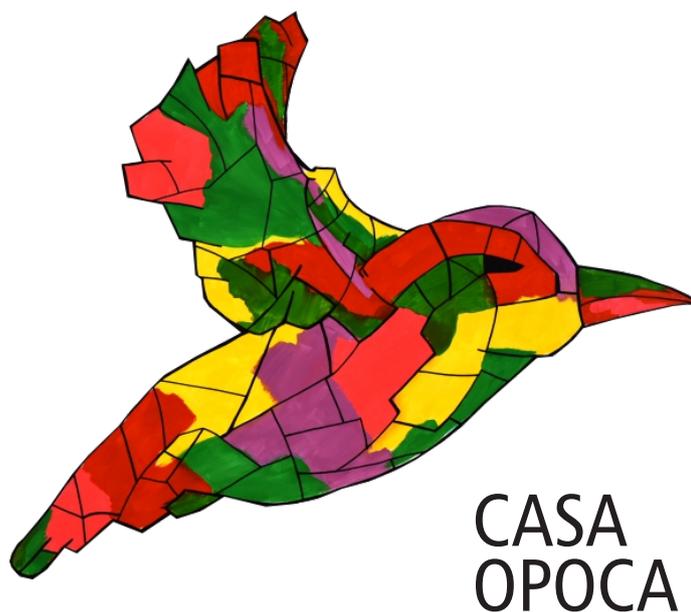


Expediente

Equipe editorial: Júlia Marques Galvão, Antonio Geremias, Kaíque Lopes, Sara Soares, Jeniffer Silva, Tiago Miguel Knob. **Ilustrações:** Marcos Fernandes. **Capa:** Liana Soares, Mulheres em Prosa, Conselho de Mães OPOCA. **Contracapa:** Júlia Quirino, Oficina de Pintura com Pigmentos Naturais.

Realização

opoca.org / @casaopoca



Patrocínio: Edital Municipal de Cultura



